



SÃO LUÍS: UM REI E SANTO NAS CRUZADAS¹

Victor Gonçalves de Matos

Resumo: O tema Cruzadas remete a diversos eventos políticos, religiosos e militares que marcaram de maneira acentuada a história e a cultura ocidentais; sua simples menção, muitas vezes, gera discussões acaloradas. Os reflexos destes embates, que por muitos séculos opuseram a Cruz e o Crescente, ainda hoje se fazem sentir. Dentro do contexto das Cruzadas, destacamos a participação de Luís IX, rei de França, mais conhecido como São Luís, na Sétima e Oitava Cruzadas. Iniciou-se com uma pequena biografia do monarca francês. Posteriormente, analisou-se no que, teologicamente se fundamenta, o uso das armas por um homem que é venerado com o título de santo. Em seguida, fez-se uma contextualização do fenômeno Cruzadas. Por fim, passou-se à descrição dos eventos que envolveram a participação do monarca em duas Cruzadas.

Palavras-chave: São Luís. Cruzadas. Guerra Justa. Idade Média.

1 INTRODUÇÃO

O Império Romano chegou a abarcar territórios nos três continentes conhecidos à sua época², tendo, em seu apogeu, atingido uma extensão superior a mais de 5 milhões de km²; seu legado, seja ele linguístico, cultural ou com destaque no direito, está presente em muitos países na atualidade, mesmo fora do continente europeu. Sem sombra de dúvida, ao tratarmos da Antiguidade, inevitavelmente iremos nos recordar de Roma. Como toda a civilização poderosa na história, os romanos iniciaram um processo de decadência, estimulado por uma série de fatores sociais³ e político/econômicos, que resultaria em sua desintegração frente a diversos povos bárbaros que se apropriaram de seus domínios.

Esses povos, que formariam posteriormente as nações europeias ao longo da Idade Média, no primeiro momento foram responsáveis por um colapso civilizacional; a cultura e a ordem política quase desapareceram. Do ponto de vista escatológico, houve

1 Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Militar, sob orientação do Prof. Dr. Armando Alexandre dos Santos.

2 A saber, Europa, Ásia e África.

3 Baixa natalidade, dissolução da família, filhos ilegítimos quase como regra, abandono dos velhos à morte como uma forma precursora de eutanásia, interesse exagerado pelas culturais orientais em detrimento da latina, corrupção, entre outros. Curiosamente, muitos destes elementos estão presentes no Ocidente atual, com destaque para a Europa.



quem associasse a queda do Império ao cumprimento de eventos apocalípticos. Frente à tormenta, uma única instituição se manteve estruturada e organizada, a Igreja Católica; sua presença e ação impediram que a *débâcle* fosse ainda mais acentuada.

A principal causa do retrocesso cultural – explica Durant – não foi o cristianismo, mas a invasão bárbara; não a religião, mas a guerra. Os aluviões humanos arruinaram ou empobreceram cidades, mosteiros, bibliotecas, escolas, e tornaram impossível a vida dos estudantes e dos cientistas. Mas a ruína talvez fosse muito maior se a Igreja não tivesse mantido uma certa ordem em uma civilização que se desintegrava.⁴

A Igreja, depois de mais de três séculos lutando pela sobrevivência frente ao Império Romano⁵, terá diante de si nesse momento uma nova lida a ser enfrentada, na figura dos bárbaros. De sua parte, ela enxergará nesses povos um novo solo a ser cultivado com as sementes do Evangelho⁶. Seriam séculos de um paciente e dificultoso trabalho, até que um fruto mais concreto fosse colhido, a saber, a conversão de um rei bárbaro – Clóvis, dos Francos; seu batismo, realizado por São Remígio, bispo de Reims, será um marco na história do Ocidente Cristão, comparável à conversão de Constantino ou à coroação de Carlos Magno.

“A Igreja tem a eternidade pela frente”; nunca este provérbio foi tão verdadeiro como nesses séculos em que os progressos morais e intelectuais parecem tão lentos e tão frágeis, e em que a todo o instante o ideal evangélico parece prestes a ser vencido pela tormenta das piores paixões. Em resumidas contas, serão necessários seiscentos ou setecentos anos para que o cristianismo consiga modificar as bases da sociedade nascida das invasões [...] Ainda mais admirável que os grandes acontecimentos da expansão cristã é esta penetração do cristianismo, e a história mais profana não pode ignorar eventos como o batismo dos francos, o regresso dos arianos ao aprisco de Roma, a conversão das Ilhas britânicas e da Germânia. A verdadeira conversão do Ocidente bárbaro, essa história das almas, foi obra deste paciente esforço.⁷

Seria sobretudo a ação de obstinados e incansáveis missionários que conquistaria, para a fé cristã, território após território da Europa; da Irlanda ao reino dos visigodos na Península Ibérica, da Germânia aos escoceses, dos já mencionados Francos à Península Itálica, todos eles se renderiam ao Crucificado. Concomitante com esse processo, veríamos a ascensão de Carlos Magno como Imperador, a precoce dissolução de seu Império Carolíngio e a consolidação do modelo feudal⁸ em todo o continente.

4 DURANT, 1950 apud WOODS JR., Thomas E. **Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008. p. 12.

5 O cristianismo alcançou a liberdade de culto em 313, com Constantino, e se tornou a religião oficial do Império Romano em 380, com Teodósio I.

6 Já havia alguns povos bárbaros cristianizados, mas arianos.

7 DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja dos Tempos Bárbaros**. São Paulo: Quadrante, 1991. p. 263.

8 Ou seja, com uma enorme descentralização e fragmentação do poder político.

Santo Agostinho de Hipona, grande teólogo e notável filósofo, pôde testemunhar parte das invasões bárbaras⁹ e pressentiu, com algumas décadas de antecipação, que o Império Romano do qual fazia parte, afinal sucumbiria. Estimulado por esse cenário e vendo nesses eventos, a ação da Providência frente à corrupção da sociedade romana, se pôs a escrever uma de suas obras mais famosas: “*A Cidade de Deus*” (*De Civitate Dei*, no título latino original). Esse escrito, desde o início e ao longo de toda a Idade Média, teria grande influência e representaria um ideal a ser posto em prática nas sociedades cristãs¹⁰ que se formariam; um ponto central do livro é que todas as instâncias das sociedades, especialmente a política, deveriam colaborar ou se orientar para um fim transcendental¹¹, isto é, para eternidade.

Conforme a difusão do cristianismo fosse se intensificando, bem como o pensamento de Santo Agostinho, se desenvolveria nestas sociedades a consciência de pertença a algo maior, estimulada pela unidade de fé e de princípios; além da fronteira de cada território, eles seriam parte de um *orbis christianus*, um mundo cristão do qual todos os batizados seriam habitantes, tratava-se da “Cristandade”, como ficou sendo conhecida a “família de nações” cristãs. O conceito de Cristandade também será compreendido como uma união que deveria existir entre esses povos cristãos para se defenderem conjuntamente contra inimigos que ameaçassem esse mundo¹², como de certa forma ocorreu com os ataques muçulmanos e que, como reação, ocasionariam as Cruzadas.

A Cristandade é, portanto, um povo, a linhagem que nasceu de Cristo, que se nutre dEle e se dessedenta no seu sangue. É uma “nação”, uma comunidade que não está necessariamente ligada a um quadro geográfico e na qual todos os membros se sentem em sua própria casa. É uma sociedade, *populus christianus*, em que todas as desigualdades sociais e profissionais devem conciliar-se. É, enfim, uma pátria, por cujos interesses cada membro deve estar disposto a sacrificar a vida.¹³

Quase toda a Europa e uma parcela considerável do Mediterrâneo Oriental formavam uma grande sociedade, unida por uma fé, uma lei e instituições

9 A África Romana de seu tempo, incluindo Hipona, de onde era bispo, foi açoitada pela tribo bárbara dos vândalos.

10 Carlos Magno tinha essa obra de Santo Agostinho em alta conta e procurou, na medida do possível, nortear seu governo por ela.

11 Exemplo da aplicação desse princípio é a coroa medieval, que apresenta em seu topo uma pequena cruz, representando a ascendência do eterno em relação ao material.

12 Foi o Papa João VIII que, enfrentando muçulmanos que ameaçavam a Itália no fim do século IX, utilizou pela primeira vez a palavra Cristandade atribuindo ao termo também o sentido de uma comunidade temporal.

13 DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja das Catedrais e das Cruzadas**. São Paulo: Quadrante, 1993. p. 40.



comuns. Um peregrino podia viajar da Inglaterra e da Irlanda ou da Escandinávia para Roma, Santiago de Compostela ou Jerusalém e encontrar, por todos os lugares, pessoas que partilhavam o mesmo modo de vida, os mesmos padrões de raciocínio e comportamento.¹⁴

Se podemos dizer que esses princípios representavam à época um ideal ou marco a ser arduamente alcançado, além de uma realidade visível em muitos casos, é bem verdade também, como demonstram muitos momentos ao longo da Idade Média, que eles foram deixados de lado em algumas situações ou mesmo, completamente abandonados; não obstante essa observação, devemos reconhecer que existiram, no período, pessoas de todos os estratos sociais que se empenharam verdadeiramente em construir uma Cristandade; ou então, cada qual no seu respectivo estado de vida, em direcionar seus esforços visando a atingir um fim mais elevado. Entre tais pessoas incontestavelmente se inclui Luís IX, o rei de França, mais conhecido como São Luís.

São Luís representou justamente um coroamento e cumprimento de tudo aquilo que o esforço de séculos de cristianismo tencionava produzir em um governante; não sendo clérigo ou religioso de profissão, e ocupando-se portanto das coisas temporais, procurou praticar as virtudes cristãs de modo resoluto e generoso. Sob sua regência, ficou nítido o seu desejo de ser um monarca em conformidade com a fé, e também, de fazer de seu reino uma ferramenta para que os homens se direcionassem à virtude. Tudo isso pode ser observado no modo austero como governou, em sua caridade para com os súditos desassistidos e no modo como aplicava a justiça. Seu comprometimento com sua fé cristã o conduziria à realização de duas Cruzadas que, embora não tenham resultado em vitória militar, demonstraram sua disposição em sacrificar a vida se preciso fosse, pela causa da Cristandade.

2 QUEM FOI SÃO LUÍS?

São Luís nasceu no dia 25 de abril de 1214, no castelo real de Poissy, comuna distante de Paris cerca de trinta quilômetros. Príncipe da Dinastia Capetiana, era filho do rei Luís VIII e da rainha Branca de Castela. Pelo lado de pai, tinha ascendência franco-alemã; de sua mãe, ascendência anglo-espanhola. Quando de seu nascimento,

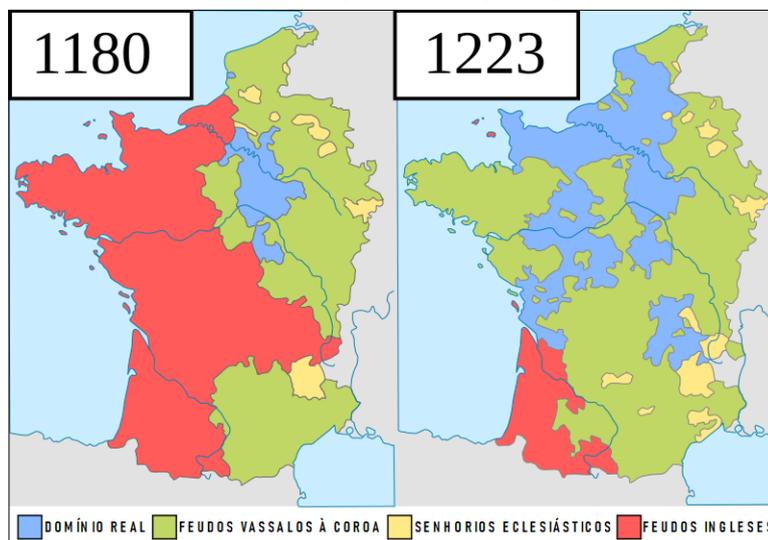
14 DAWSON, 2014 apud LANCASTER, Lucas. **São Luís: O Rei da Coroa de Espinhos**. Belo Horizonte: Instituto São Pedro de Alcântara, 2019. p. 91.

Luís era o segundo príncipe na linha de sucessão¹⁵, mas a morte de seu irmão Filipe, em 1218, fez com que ele fosse alçado à posição de primeiro herdeiro do trono.

O avô de São Luís, Filipe Augusto (Filipe II), gênio militar e exímio governante, legara a seus descendentes uma ampliação considerável do domínio real, cuja extensão multiplicou por quatro. Com ele, os territórios de Valois, Vermandois, Amiénois, Artois, Gien, Bas-Berry e Auvergne passariam para a influência da coroa; do rei da Inglaterra foram arrebatados Normandia, Maine, Touraine, Anjou e Saintonge. A partir de Filipe Augusto o fortalecimento da monarquia francesa em relação aos senhores feudais, e até mesmo frente ao imperador do Sacro Império¹⁶, seria significativo. A aquisição das novas possessões, somada a um controle mais eficiente das finanças, colaboraria para um aumento expressivo das rendas. O tesouro real herdado por São Luís lhe garantiria, uma confortável situação financeira.

Durante o reinado, os rendimentos reais parecem ter dobrado, passando de 228.000 libras no início do reinado para 438.000 no fim. O testamento de Felipe Augusto, em 1222, mostrou que além de um legado considerável o rei deixou a seu sucessor reservas elevadas do Tesouro; São Luís cedo herdará esse tesouro. Rei da prosperidade econômica, ele será o rei da riqueza financeira.¹⁷

Figura 1 – Conquistas de Filipe Augusto



Fonte: encurtador.com.br/eswF3, tradução nossa.

Filipe Augusto morreu a 14 de julho de 1223, quando São Luís contava nove anos de idade, e teve assim início o curto reinado de seu pai Luís VIII, *o Leão*, como

15 Se não considerarmos seu pai, que na ocasião, também era príncipe herdeiro.

16 Embora o imperador tivesse mais territórios, ele exercia um poder simbólico sobre os mesmos, ao contrário do monarca francês.

17 BALDWIN, 1986 apud LE GOFF, Jacques. **São Luís**: Biografia. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 70.

ficou sendo conhecido. O novo monarca tinha um grande zelo pela religião, traço este observável em muitos reis capetianos e que já podia ser notado em Roberto II (996-1031). Luís VIII assegurou a boa educação de São Luís, dando-lhe preceptores virtuosos, como o Barão Mateus II de Montmorency, o Conde Guilherme des Barres e o Marechal Clemente de Metz. Em 30 de janeiro de 1226, Luís VIII faria uma Cruzada contra os hereges albigenses, protegidos pelo Conde Raimundo VII de Toulouse, no sul da França; depois de ter sitiado e derrotado Avignon, o Languedoc se submeteu ao monarca sem grande resistência e, com isso, ele decidiu voltar a Paris. Nesse regresso foi acometido de disenteria e acabou falecendo precocemente, em 8 de novembro de 1226, no castelo de Montpensier, na Auvérnia. São Luís, com seus doze anos, viu-se de repente alçado à condição de rei da França. A coroação do menino se daria em 29 do mesmo mês, na catedral de Reims.

A Rainha Branca de Castela, que como mãe era a tutora natural do menino-rei, foi também reconhecida como Regente do Reino. Embora tenham ocorrido algumas oposições e impasses, acabou prevalecendo a escolha dela, apoiada por uma assembleia de barões (uma espécie de “equipe governamental”), que viu na viúva de Luís VIII a dignidade e a firmeza para realizar a pesada tarefa de gerir o Reino durante a menoridade de seu filho.

Filha do rei Afonso VIII de Castela e de Leonor da Inglaterra, Branca era dotada de temperamento firme, algumas vezes autoritário. Possuía uma grande religiosidade que a impelia a querer agradar antes a Deus que aos homens. Será justamente esse fervor, que a fará acercar-se pessoalmente da educação dos filhos, de modo que não se encaminhassem por caminhos tortuosos. Sua personalidade e piedade influenciariam de modo resoluto o caráter do jovem rei. Se é verdade que Branca preparou São Luís pertinazmente para a vida eterna¹⁸, também é certo que ela não negligenciou sua formação para os deveres temporais: ensinou-o a governar de forma capaz, honesta, justa e, quando preciso, com firmeza e determinação.

E frise-se: todos os autores são unânimes em louvar Branca de Castela não apenas por ter ensinado Luís a governar e a ser o homem forte que foi, mas principalmente por ter plantado em sua alma a semente da santidade, ensinando-lhe com mil exemplos a prática cristã e o inspirando com virtudes profundíssimas a ser um bom rei e um bom cristão, confiando-lhe aos mais sábios mestres do reino para que estes lhe ensinassem o caminho da vida

18 Sua mãe lhe inculciu a necessidade de evitar sempre o pecado e, lhe ensinou a ter uma vida de oração sólida e constante, inclusive criando nele o hábito de rezar diariamente as horas canônicas.



devota e da santidade, instruindo-lhe, em suma, nos mais elevados princípios.¹⁹

O período entre a minoridade de São Luís e os seus vinte e um anos²⁰ não foi nem um pouco tranquilo, já que historicamente os períodos de regência são, via de regra, turbulentos, uma vez que oposições à coroa, movimentos separatistas, velhas disputas, rivalidades e ambições pelo poder são ressuscitadas, aproveitando-se da aparente fraqueza dos monarcas ainda meninos.

Passado pouco tempo da coroação, em 1227, senhores feudais que não aprovavam a regência da estrangeira Branca de Castela se uniram, visando apoderar-se do jovem rei para que este governasse voltado aos interesses deles; entre os amotinados se incluíam Pedro Mauclerc, Duque da Bretanha e até mesmo um tio de São Luís, Filipe Huperel. Viajando de região em região na busca de apoio, Branca e o jovem Luís, acabariam cercados em Paris pelos exércitos rebeldes, sendo salvos pela inesperada ação da população que se armou para proteger o seu rei. Posteriormente, foi selado um tratado de paz e os barões juraram não pegar mais em armas contra o rei.

Em 1228, o Duque da Bretanha, iniciou uma série de ataques a Branca de Castela e a Teobaldo IV de Champagne, seu aliado, por meio de panfletos. Em 1230, barões turbulentos partiram para o ataque aos territórios de Teobaldo, que acabou tendo de recorrer à coroa. São Luís, irritado com o ataque a seu amigo, marchou contra os rebeldes que, não querendo quebrar o juramento de não lutar contra o rei, recuaram. Mas o Duque da Bretanha, agora apoiado pelo rei inglês Henrique III²¹ iniciou uma nova rebelião contra o rei no mesmo ano. São Luís com dezesseis anos, lutará com o Duque²² e lhe tomará várias praças-fortes, incluindo seu castelo. Abandonado pelo rei inglês, o Duque pedirá misericórdia a São Luís que a concederá; Pedro jurará sobre os Evangelhos não atacar mais o monarca e lhe fará um ato de fidelidade.

Em 1231, o Duque da Bretanha novamente descumpriria o juramento, outra vez se levantando contra São Luís, mas sofreria uma nova e decisiva derrota. Depois disso, nenhum outro senhor feudal ousará se sublevar contra o rei adolescente. Essas situações vivenciadas por Luís lhe causariam uma grande aversão à falta de integridade na política, além de fazer com que ele identificasse o ato de governar com um grande

19 SAINT-PATHUS, 1877 apud LANCASTER, 2019. p. 106.

20 Idade da maioridade na França à época.

21 Visando recuperar a Normandia, perdida pelos ingleses para o avô de São Luís.

22 Portanto, seria aos dezesseis anos que São Luís iria ao campo de batalha pela primeira vez.



fardo; moralizar o público, evitar conflitos, semear a virtude e cuidar do bem-estar no reino passariam a ser as suas grandes preocupações.

As revoltas de seus vassalos, que obrigaram Luís a tomar a espada ainda em tenra idade, a infidelidade de seu próprio tio Filipe Hurepel, as acusações contra a honra de sua virtuosa mãe, as batalhas e intrigas políticas, tudo isso pesou gravemente na alma do futuro santo, que aprendeu, desde jovem, que a realeza era, de fato, uma cruz pesadíssima. Esse início turbulento de reinado contribuiu para que São Luís detestasse a guerra, a rebeldia, as mentiras e perjúrios, os conchavos políticos, as intrigas cortesãs e afins, e empreendesse um reinado pautado no zelo religioso e na busca do bem-estar de seus súditos e, antes de tudo, pela salvação do povo que lhe fora confiado.²³

Vencido Pedro Mauclerc, a ordem não seria mais perturbada e o monarca pôde chegar em paz à sua maioridade. São Luís tendo se tornado adulto, era um homem alto ao ponto de superar a maioria das pessoas em estatura, seus olhos eram azul claros, seus cabelos eram loiros, de rosto retangular, era também magro, seu semblante transmitia ao mesmo tempo força e gentileza; sempre agindo com bondade e caridade ao lidar com outras pessoas, não se tem conhecimento de que tenha insultado ou desprezado alguém por conta de sua posição social ou outro motivo. Apesar de ser um pouco irascível em algumas ocasiões, procurou sempre não ceder a tais sentimentos e, sobretudo, combatê-los, agindo com gentileza para com a pessoa que lhe despertava a ira.

Como era costume nas famílias reais de toda a Europa no período, os soberanos tinham como obrigação casar-se e a escolha da noiva não era determinada por questões relacionadas à empatia ou afetividade, mas por alianças estratégicas com outros reinos, tentativas de selar a paz com um reino opositor, necessidade de uma descendência para manter a dinastia, em suma, o bem-estar e o futuro de todo reino eram colocados acima de qualquer outro interesse particular do soberano. Isso exigia um autossacrifício e uma resignação muito grandes. Com São Luís as coisas também se dariam assim.

No ano da graça de Nosso Senhor de 1234, oitavo ano do reinado do rei São Luís e décimo nono de sua idade, ele desejou ter um fruto de seu corpo que mantivesse o reino depois dele [quer dizer, um herdeiro homem] e quis se casar não por causa da luxúria, mas para procriar uma linhagem.²⁴

Em 25 de abril de 1234, o rei se casaria com Margarida da Provença, enlace este que duraria cerca de trinta e seis anos e geraria onze filhos; os descendentes destes príncipes se espalhariam por todos os tronos da Europa e sua linhagem chegaria até mesmo, à Família Imperial brasileira.

23 LANCASTER, 2019. p. 113.

24 NANGIS, 1840 apud LE GOFF, 2014. p. 120.

Figura 2 – Vitral de São Luís



Fonte: encurtador.com.br/dhCJW

A grande devoção que São Luís apresentará em sua vida adulta, fruto da criação de sua mãe e de uma profunda vida de oração, seria expressa também, por uma série de atos exteriores. Quando da construção da Abadia de Royaumont, veremos um monarca que, além de patrono da obra, se despoja de suas vestes reais e se faz operário junto aos monges, carregando pedras; de modo a incutir em seus irmãos a piedade para com as coisas de Deus, para fortalecer seu caráter e tirá-los do conforto da realeza, o rei ordenou aos mesmos que também se ocupassem da construção do mosteiro. Sendo da ordem terceira franciscana²⁵, sua grande preocupação com a caridade ao próximo lhe fará ser chamado por alguns de “São Francisco leigo”. O monarca sempre levava moedas consigo, para as distribuir generosamente a qualquer desvalido que cruzasse o seu caminho; seriam muito conhecidos os banquetes que promoveria para mendigos por onde passasse ou mesmo em seu Palácio real, muitas vezes eles mesmo os servia à mesa e, em outras ocasiões, levava mendigos em estado deplorável aos seus aposentos, dos quais lavava os pés, secava e beijava; financiou a construção de hospitais²⁶, aos quais visitava, de modo que pudesse lavar as feridas dos doentes ou lhes dar pessoalmente a refeição; São Luís também dispensaria muita atenção aos leprosos, sem demonstrar nenhuma repugnância pela doença que lhes afligia.

No início de sua conversão, São Francisco fora chamado por Deus a superar a sua repugnância natural e abraçar um leproso. São Luís, seguindo o exemplo do Santo de Assis, fará o mesmo variadas vezes e não apenas com os leprosos, mas com todos os doentes, em especial com aqueles cujas doenças os tornassem mais repugnantes, cujos estados físicos causassem maior repulsão às pessoas comuns. A forma com que São Luís se compadecia do

25 Quando se trata de ordens religiosas na Igreja Católica, temos: a ordem primeira, dos freis (como é o caso dos franciscanos e dominicanos) ou monges (em outras ordens) de ramo masculino; a ordem segunda, das freiras ou monjas; e, por fim, a ordem terceira, formada por leigos de ambos os sexos que, não podendo professar naquela ordem religiosa (por exemplo, por serem casados), podem se aproximar de alguma forma do carisma e espiritualidade dela na condição de terciários.

26 Na inauguração do *Hôtel-Dieu*, São Luís quis carregar nos braços o primeiro paciente do hospital até seu leito.



sofrimento dos doentes, cuidando-os pessoalmente, dando-lhes de comer, lavando-os e consolando-os cheio de caridade a exemplo do próprio Cristo, é capaz de comover o mais empedernido dos corações.²⁷

Quando se trata do reinado de São Luís, podemos constatar que seu governo representou, frente às turbulências observadas em outros rincões do continente europeu, uma “ilha” de estabilidade e prosperidade. Em sua administração, moralizou os negócios públicos, coibindo abusos e práticas inadequadas; procurava gerir tudo com sabedoria e proximidade. Estimulava os representantes reais de qualquer esfera a manterem o decoro, não misturando interesses pessoais com o que era de interesse público. Empenhou-se legalmente no combate a várias formas de desregramento, visando resguardar a moralidade do reino, tanto no aspecto humano como no religioso; houve um duro confronto real contra a prática dos duelos, os jogos de azar, a prostituição, a usura e até mesmo, contra as blasfêmias e os juramentos levianos. Na prática da justiça, que muitas vezes o rei tomava para si próprio, movido por alguma injustiça impetrada que clamava por reparação, ele se empenhava em proteger os mais fracos contra os seus senhores ou alguém mais poderoso.

Reprimindo duramente os maus senhores e fazendo justiça aos humildes, São Luís despontou aos olhos de seu povo como seu verdadeiro defensor, como um rei que estava atento aos interesses dos mais frágeis e pronto para fazê-los justiça. Ano após ano, julgamento após julgamento, o amor do povo francês por seu santo rei cresceu.²⁸

Sobre a integridade e imparcialidade do rei em julgamentos, podemos citar um episódio como exemplo: certa vez, Carlos, o conde de Anjou e irmão caçula de São Luís, tomou injustamente o castelo de um simples cavaleiro e o prendeu, mas o rei mandou libertá-lo e repreendeu duramente o irmão. Como o cavaleiro apelou para justiça real, Carlos correu e se acercou de diversos advogados ao se apresentar à corte. Tal fato levou o cavaleiro a queixar-se ao rei que não tinha quem o defendesse. Não se importando tratar-se o réu de seu irmão, o santo fez com que os maiores juristas e advogados do reino defendessem o cavaleiro, com o objetivo de que a injustiça de seu irmão fosse reconhecida, o que de fato acabou ocorrendo.

O conjunto desses predicados do monarca francês, bem como muitos outros não mencionados, colaborariam de modo definitivo para que seu reinado fosse um tempo de considerável paz, estabilidade política e de prosperidade para seus súditos; tal período

27 LANCASTER, 2019. p. 302.

28 LANCASTER, 2019. p. 392-393.

ficaria conhecido posteriormente e com certo saudosismo, como “o Século de Ouro de São Luís”.

2.1 Um Santo pode ter recorrido às armas?

Desde os primórdios, o cristianismo teve que se entrever com uma realidade que é historicamente inseparável de qualquer sociedade humana, a do uso da força por um governo; concomitante a isto, teve que questionar, se haveria alguma legitimidade no ofício militar ou na deflagração de uma guerra. Representariam as palavras, “ofereci a outra face” (BÍBLIA, Matheus, 5, 39)²⁹, “amai vossos inimigos”(BÍBLIA, Matheus, 5, 44)³⁰ e “não matarás”, negações absolutas de qualquer recurso às armas por parte de um cristão? A Igreja Católica, de quem São Luís era filho, não teve essa interpretação.

No que se refere ao exercício do ofício militar, não se encontram nas Sagradas Escrituras nenhuma censura à profissão. No caso particular do Novo Testamento, temos encontros de Jesus Cristo ou seguidores importantes seus com militares e em nenhum momento houve qualquer reprimenda ao estado de vida destes. Quando Cristo encontrou com um centurião, oportunidade em que poderia condenar a carreira deste, além de não fazê-lo, exaltou a grande fé do militar, “[...] Em verdade vos digo: não encontrei semelhante fé, em ninguém em Israel” (BÍBLIA, Matheus, 8, 10)³¹; a soldados que vieram ter com São João Batista para saber como deveriam proceder com retidão, além de João não ordenar que deixassem de ser militares, ainda aconselhou, “[...] Não pratiqueis violência nem defraudeis a ninguém, e contentai-vos com o vosso soldo” (BÍBLIA, Lucas, 3, 14)³²; quando São Pedro se deparou com o Centurião Cornélio, longe de pedir que abandonasse a vida militar como critério para o batismo, acabou por batizá-lo e à sua família, “[...] E mandou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 10, 48)³³. Em consonância com o que foi exposto, a Igreja Católica nunca condenou a profissão militar como dissonante dos Evangelhos; quando das invasões dos bárbaros, ao contrário de tentar transformá-los em pacifistas, a Igreja procurou direcionar a natural propensão que eles tinham para a

29 BÍBLIA, N.T. Matheus. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). Tradução dos Missionários do Imaculado Coração de Maria. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2017. p. 1289.

30 BÍBLIA, 2017. p. 1289.

31 BÍBLIA, 2017. p. 1292.

32 BÍBLIA, 2017. p. 1349-1350.

33 BÍBLIA, 2017. p. 1426.

violência³⁴, de modo que esta fosse aplicada retamente ou, para que seu emprego estivesse alicerçado em critérios morais, isto é, a serviço de um ideal maior.

A Igreja não ensinou – nem poderia ensinar – o pacifismo às culturas bárbaras que, após as grandes invasões do século V, se mesclaram à cultura romana (também bastante violenta). Pelo contrário: ensinou-lhes o ideal da guerra justa, o ideal do guerreiro cristão, o ideal da Cavalaria. Na realidade, a Igreja sempre viu com bons olhos a condição militar, embora geralmente se suponha que o Cristianismo, no seu início, tenha sido uma religião eminentemente pacifista e somente pouco a pouco tenha desenvolvido, no decurso dos séculos, sua teoria da guerra justa.³⁵

Também entre os santos católicos existem muitos que, sendo militares, foram canonizados, a exemplo de Santo Expedito, muito popular no Brasil e sempre representado com armadura romana.

O caso de São Maximiliano, que em 295 prefere morrer, a prestar o serviço militar, é isolado. Os oficiais e soldados cristãos que foram martirizados nesta época não foram condenados à morte por rejeitar como cristãos o serviço das armas, mas por se recusarem a participar em cerimônias pagãs impostas pelos perseguidores, ou seja, por não quererem realizar actos de idolatria e de apostasia. Tal é o exemplo de Santo Eustáquio, de São Sebastião, de São Maurício e da XII Legião, dizimada sob Marco Aurélio, assim como a Legião Tebana o foi por Diocleciano e Maximiano.³⁶

Existe também, é bom ressaltar, quem afirme que Jesus Cristo era uma espécie de pacifista, na acepção contemporânea do termo³⁷; do mesmo modo, tal assertiva não está de acordo com os Evangelhos. Se a bem da verdade, Cristo disse entre outras coisas que, “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”(BÍBLIA, Matheus, 5, 9)³⁸, Ele não o fez de modo absoluto e sim como um ideal de santificação e perfeição no plano pessoal; se o “Sermão da Montanha” e outros princípios fossem equivocadamente tomados ao pé da letra, toda a ordem social e política deveria ser demolida.

Seguindo tal método, em nome do Sermão da Montanha, se excluiriam a propriedade, os tribunais, todos os órgãos de uma sociedade hierárquica, assim como a guerra e o serviço militar.³⁹

34 Alguns bárbaros germânicos acreditavam entre outras coisas que, o “paraíso” seria um local onde seria possível duelar ou batalhar eternamente.

35 COSTA, Ricardo da; Santos, A. A. dos. O pensamento de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a vida militar, a guerra justa e as ordens militares de cavalaria. **Mirabilia**, Vitória, v. 10, p. 145-157, 2010. Online. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/mirabilia/mirabilia_a2010m1-6n10/mirabilia_a2010m16n10p145.pdf. Acesso em: 10/04/2020. p.147.

36 MATTEI, Roberto de. **Guerra Justa e Guerra Santa**: Ensaio sobre as Cruzadas, a Jihad islâmica e a tolerância moderna. Porto: Civilização Editora, 2002. p. 15-16.

37 Sendo aquele que defende a paz entre países ou nas sociedades, a todo preço; pessoa contrária ao uso da violência em qualquer que seja a circunstância.

38 BÍBLIA, 2017. p.1288.

39 DE LA BRÍERE, 1926 apud MATTEI, 2002. p. 27.

Citaremos outros trechos neotestamentários que atestam a importância de não interpretar de modo categórico muitos trechos da Bíblia: quando Jesus Cristo, ao dar uma resposta ao Sumo Sacerdote, foi esbofeteado por um de seus guardas, Ele não ofereceu a outra face como era de se esperar, ao contrário disse, “[...] Se falei mal, prova-o, mas se falei bem, por que me bates?” (BÍBLIA, João, 18, 23)⁴⁰; Cristo não parecia se opor ao fato de que alguns dos apóstolos andassem armados, como se pode notar na ocasião da última ceia em, que Ele recomendou “[...] aquele que não tiver uma espada, venda sua capa para comprar uma [...] Eles replicaram: ‘Senhor, eis aqui duas espadas’. ‘Basta’, respondeu ele” (BÍBLIA, Lucas, 22, 36. 38)⁴¹.

Existem também, na Bíblia, analogias a termos militares visando explicar melhor realidades espirituais ou doutrinárias; quando por exemplo, Cristo disse, “Vim trazer não a paz, mas a espada” (BÍBLIA, Matheus, 10, 34)⁴² ou, quando São Paulo aos cristãos de Éfeso aconselha, “Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio” (BÍBLIA, Efésios, 6, 11), entre outras passagens.

Dirigindo-nos agora à questão da deflagração de um conflito armado, é importante frisar que, quando tratamos da aceitabilidade deste ato, estamos abordando o mesmo, sob uma ótica ofensiva; a guerra de defesa contra uma agressão injusta nunca foi alvo de debate entre os teólogos, uma vez que ela sempre foi entendida como uma ampliação, para o âmbito de uma nação, do princípio de “legítima defesa” individual. No que diz respeito à guerra ofensiva, trataremos dos conceitos cristãos de guerra justa e guerra santa.

A primeira sistematização cristã de uma doutrina a respeito da guerra justa virá de Santo Agostinho. Segundo o bispo de Hipona, todos os homens desejam a paz; mesmo aqueles que se envolvem em uma guerra, no fundo esperam que, obtendo a vitória, alcancem também a paz. O santo ainda denunciava que nem toda a paz é justa, pois esta pode ser apenas aparente, uma vez que a verdadeira paz só pode existir se todas as coisas estiverem ordenadas conforme os princípios da lei natural e divina. Em relação à guerra, o pensamento de Agostinho é basicamente o seguinte:

I. A guerra é um mal, ao qual às vezes é necessário recorrer a fim de se evitar males futuros maiores.

40 BÍBLIA, 2017. p. 1409.

41 BÍBLIA, 2017. p. 1379.

42 BÍBLIA, 2017. p. 1294.

Para um cristão, a verdadeira causa da guerra, como de qualquer mal, é o pecado, do qual nascem a injustiça e a iniquidade. Perante a consumação da injustiça, se as pessoas podem ser vítimas de males, o Estado tem o dever de proteger o bem da comunidade.⁴³

II. O que tornará uma guerra justa será a iniquidade da parte contrária; a guerra deverá combater uma injustiça já efetivada ou que se realizará.

III. A vontade em um conflito, deve tender sempre à paz; não se deve fazer a paz para buscar a guerra, mas quando exigido, deve-se fazer a guerra para obter a paz.

Outro importante metodizador da guerra justa foi São Tomás de Aquino. De seu pensamento sobre o tema que, em alguns aspectos, é caudatário de Santo Agostinho, podemos auferir as seguintes condições para que uma guerra seja considerada justa:

I. A guerra só pode ser proclamada por ordem de uma autoridade competente ou legítima, isto é, o governante de um Estado.

II. É necessário que exista uma causa justa, isto é, deve existir uma culpa por parte daquele a quem se dará combate.⁴⁴

A guerra é ilícita para quem a faz sem justa causa e de modo indevido, mas é lícita e até mesmo, em certos casos, um dever, para quem a faz com justa causa e no devido modo.⁴⁵

III. Deve existir uma intenção, por parte de quem combate, de promover o bem e evitar o mal.

[...] o desejo de fazer mal, a crueldade na vingança, o desprezo implacável, a ferocidade no guerrear, a vontade de subjugar e outras coisas do gênero são justamente reprováveis na guerra.⁴⁶

Por fim, a guerra ofensiva, para ser justa, deverá ser motivada por um direito gravemente lesado ou em reparação a um grave dano sofrido, deve ser o último recurso do qual um governo se vale para restituir um direito e deve observar a proporcionalidade entre o mal que produzirá e o direito reivindicado.

43 MATTEI, 2002. p. 43.

44 Importante ressaltar que, embora o Ocidente seja considerado uma civilização pós-cristã atualmente, ainda se notam resquícios deste pensamento. Ora, os impérios do passado não precisavam justificar a razão pela qual estavam invadindo outros povos ou guerreando contra eles; será a partir destes princípios que teremos uma mudança de paradigma em relação à guerra. Podemos notar como, por exemplo, mesmo a maior potência militar atual, os EUA, precisa justificar à população e à opinião pública em geral, a deflagração de um conflito, mesmo aqueles cuja justificativa é frágil e resulta em uma guerra questionável ou duvidosa, como se deu mais recentemente com a invasão do Iraque; de qualquer forma, a busca por uma legitimação ou por uma “causa justa” ainda é obrigatória.

45 MATTEI, 2002. p. 28.

46 AGOSTINHO, 1978 apud MATTEI, 2002. p. 21.



Na ótica católica, a “guerra santa” cristã nada mais é do que uma modalidade de guerra justa, com a particularidade de que a autoridade competente para proclamá-la deve ser o Papa e a causa justa que a motiva está relacionada a algum direito lesado ligado ao campo da religião. Historicamente, uma ocasião em que se deu essa modalidade de guerra foi nos eventos que se convencionou chamar de “Cruzadas”. As principais características que normalmente se observaram quando do estabelecimento de uma Cruzada foram:

- I. Deve ser convocada pelo Papa por meio de uma Bula, prevendo indulgências.
- II. A Igreja estimula o recrutamento dos soldados por meio de pregações e a adesão é voluntária por parte daqueles que aceitam, isto é, fazem voto de “tomar a cruz”.
- III. O Papa estabelece o momento da partida dos exércitos.
- IV. O Papa, chefe do movimento, atua nele por meio de legados que, embora não dirijam as operações militares, atuam como conselheiros.

Quanto à pergunta que dá título ao tópico, diante do exposto, para que alguém que recorreu às armas pudesse ser elevado às honras dos altares, podemos afirmar que seria preciso que ele observasse todos os princípios aqui elencados, que tornariam uma guerra moralmente lícita ou justa. Não podemos deixar de mencionar que, ao longo da Idade Média, apesar de ser o período no qual a Igreja teve maior influência no Ocidente, nem sempre estas regras foram respeitadas em algumas guerras pelos deflagrantes. No que diz respeito a São Luís, seu envolvimento em conflitos armados não representou um obstáculo para que ele fosse canonizado pela Igreja Católica.

3 As Cruzadas

Nem bem o Ocidente havia se recuperado ou reestruturado das primeiras invasões bárbaras, começava a despontar na Península Arábica, aquilo que representaria uma nova ameaça à Cristandade nascente: o Islã. Surgido no século VII, a partir de Muhammad ou Maomé, o islamismo tem sua doutrina fundamentada basicamente no Corão⁴⁷, um livro considerado sagrado, e na observância de cinco pilares⁴⁸ ou preceitos

⁴⁷ Que começou a ser redigido pelos seguidores de Maomé após a sua morte, já que este era analfabeto.

⁴⁸ Em árabe, *arkan al-Islam*.

que todos os muçulmanos devem seguir: 1. *Shahadah*, crer e professar que existe um único Deus, *Alláh*⁴⁹ ou Alá e, um único profeta, Maomé; 2. *Salah*, rezar cinco vezes ao dia, voltado à Meca; 3. *Ramadan*, jejuar no nono mês do calendário islâmico; 4. *Zakah*, o pagamento de uma espécie de tributo religioso para ajudar os muçulmanos menos favorecidos da comunidade; e 5. *Hajj*, peregrinar ao menos uma vez na vida a Meca⁵⁰.

Desde o princípio, o islamismo recorreria à espada como meio de difusão de sua doutrina. Já em seus primórdios, quando Maomé tentou converter os habitantes de Meca, não tendo sido bem recebido por estes, foi obrigado a fugir para Medina para não ser morto, em um episódio chamado Hégira, no ano 622.⁵¹ Tendo obtido sucesso em converter Medina ao Islã, Maomé fará, com os habitantes desta, guerra à cidade de Meca, que será derrotada e convertida ao Islã. Maomé, que não era apenas um líder religioso, mas também político e militar, pelo uso das armas conquistaria para o islamismo a quase totalidade da Península Arábica⁵². Com a morte de Maomé, seus sucessores continuariam a expansão militar/religiosa; na altura do ano 750, já teriam se apropriado de praticamente todo o Oriente Médio, do Norte da África e até mesmo, da Península Ibérica dos Visigodos.

Recorrentemente se afirma que, a ligação entre o Islã e a violência é praticamente simbiótica, o que é fato; dentro desse contexto religioso e militarizado, a ideia de uma *jihad*⁵³ surgiria, tomando a forma de uma espécie de sexto pilar adicional e obrigatório a todo crente, que por sua vez, só poderia se dar por satisfeito, quando todo o mundo estivesse submetido ao crescente.

Enquanto isso não acontecer, o mundo ficará dividido em dois: a Casa do Islão (*dar al-Islam*), onde prevalecem o poder muçulmano e a lei do Islão, e a Casa da Guerra (*dar al-Harb*), que engloba todo o resto. Entre as duas vigora um estado de guerra moralmente necessário e religiosamente obrigatório, até o triunfo final inevitável do Islão sobre a incredulidade.⁵⁴

A *sharia*, ou lei islâmica, considerou sempre a guerra santa como uma das obrigações da autoridade política, que ao trabalhar assim não faz senão cumprir um dever de solidariedade. É mártir, *chaid*, o muçulmano que sucumbe durante a *jihad*, o muçulmano “que mata e morre”, como se lê no

49 *Alláh* é a palavra árabe para designar “O Deus” e é utilizada mesmo pelos cristãos de origem arábica.

50 Local de nascimento de Maomé e tida por seus seguidores, como sendo a cidade mais sagrada.

51 Em árabe *Hijra*, que significa exílio ou separação. Tal episódio é o marco inicial do calendário islâmico.

52 Não tendo obtido sucesso no norte da Península, na qual uma parte era controlada pelo Império Persa e a outra pelo Império Bizantino.

53 *Jihad* deriva da raiz árabe *jhd* que significa “esforço”; segundo os conceitos mais clássicos, ela representa a ação armada que visa expandir o Islã ou, ocasionalmente, defendê-lo.

54 LEWIS, 1991 (b) apud MATTEI, 2002. p. 60.

Corão (9, 112). Por isso há uma clara distinção entre o que eles chamam “território de guerra” e “país do islã”. Com os países que integram a primeira zona, somente se pode concluir tréguas que não superem os dez anos, indefinidamente renováveis, certamente.⁵⁵

A expansão que o Islã pôs em curso acabou, com o decorrer dos anos, por colidir com grandes porções de terras há muito já convertidas ao cristianismo (conforme figura 3) que, como resultado, acabaram subjugadas; caíram sobre o domínio muçulmano, locais relevantes ao cristianismo, como a Ásia Menor, onde São Paulo pregou, o Egito, onde surgiu o monaquismo, sem falar na Palestina⁵⁶, terra em que Jesus Cristo viveu e morreu e, conseqüentemente, repleta de lugares sagrados cristãos.

Figura 3 – Expansão Islâmica (622-750)



Fonte: Giordani (1984, p. 403)

Nesses territórios outrora cristãos, seus habitantes seriam submetidos, conforme os líderes muçulmanos se alternassem, a períodos de relativa e limitada tolerância, alternados com outros de perseguição, conversões forçadas, humilhações, segregação social, destruição de igrejas e mortes. A sucessão nas lideranças islâmicas representaria, em muitos momentos, fragmentação territorial entre generais ou filhos dos califas, oposição entre os próprios líderes muçulmanos e, em muitos casos, instabilidade política e institucional, o que representava, para os cristãos, imprevisibilidade quanto à política a que seriam submetidos.

55 SAENZ, Alfredo. *La Nave y las Tempestades: la embestida del Islam*. 1ª ed. 1ª reimpressão. Buenos Aires: Gladius, 2011. p. 64, tradução nossa.

56 Que se encontrava sob controle do Império Bizantino, que era cristão.



A agressão e expansão dos maometanos aos cristãos geraria, por parte destes, como reação, uma série de contraofensivas armadas, das quais, as Cruzadas medievais foram as que historicamente se tornaram mais emblemáticas. O avanço do Islã chegou a um ponto em que os cristãos deveriam combatê-lo ou perecerem diante dele.

A Cruzada se opõe e se iguala verdadeiramente ao *djihâd* ; pode-se dizer que a Cruzada é um contra-*djihâd*.⁵⁷

Ao mencionarmos diversas contraofensivas, devemos ressaltar que, diferentemente do passado, quando os historiadores limitavam o termo “Cruzada” apenas ao período de 1097 a 1291 ocorrido no teatro de operações do Oriente Próximo, a historiografia mais recente sustenta que as Cruzadas não foram combatidas apenas no Oriente Médio mas, em diversas outras frentes.

A maior parte dos autores de histórias gerais tendiam a dar pouquíssimo espaço às Cruzadas posteriores a 1291 e nenhum tratava daquelas que ocorreram depois de 1464. Hoje, porém, é muito comum que algumas das campanhas marítimas e terrestres contra os turcos nos séculos XVI, XVII e XVIII sejam descritas como Cruzadas e que a contribuição do movimento à formação dos impérios ultramarinos, especialmente o de Portugal, seja reavaliada. Na perspectiva pluralista, ademais, o teatro de operações no Oriente agora compete com os da Península Ibérica, do interior da Europa Ocidental, da região báltica, dos Bálcãs e da África Setentrional.⁵⁸

A concepção de que os cristãos deveriam dar combate ao Islã, e tal ação poderia lhes trazer benefícios de ordem espiritual, remonta ao Papa Leão IV, que em 848 recorreu aos Francos de modo a afastar a ameaça muçulmana que pairava sobre Roma, prometendo-lhes um *proemium coeleste*. No final do século IX, o Papa João VIII também assegurou recompensas espirituais aos que combatessem os seguidores de Maomé que faziam incursões recorrentes à Península Itálica. O Papa Alexandre II, em 1063, conclamou os cristãos de diversas localidades para que retomassem dos mouros a cidade de Barbastro, no Nordeste da Espanha, em uma espécie de proto Cruzada. O Papa São Gregório VII, por sua vez, atento às súplicas de Miguel Ducas, protoestrator⁵⁹ bizantino, chegou a fazer uma bula em março de 1074, na qual conclamava os cristãos a defenderem a fé que estava sob ameaça no Oriente, e se comprometia a comandar uma Cruzada com as mesmas intenções.

Dez anos antes da invasão da Ásia Menor pelos turcos, Miguel Ducas, sucessor de Romano Diógenes, tinha implorado o socorro do Papa e dos

57 Grousset, 1948, apud GIORDANI, Mario Curtis. **História do Mundo Feudal I**: acontecimentos políticos. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1984. p. 536.

58 RILEY-SMITH, Jonathan. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019. p. 48.

59 Era uma espécie de oficial cortesão bizantino que, representava um dos mais altos cargos militares.



príncipes do Ocidente. Ele tinha prometido fazer cair todas as barreiras que separavam a Igreja Grega da Romana, se os latinos tomassem as armas contra os infiéis. Gregório VII ocupava então o trono de São Pedro; seus talentos, sua inteligência, a coragem e a inflexibilidade de seu caráter tornavam-no capaz dos maiores empreendimentos. A esperança de estender o império da religião e o poder da Santa Sé no Oriente fê-lo acolher as humildes súplicas de Miguel Ducas; ele exortou os fiéis a tomar as armas contra os muçulmanos e os induziu a conduzi-los ele mesmo.⁶⁰

Mas São Gregório VII não pôde cumprir sua promessa, já que suas atenções estavam voltadas à reforma da Igreja e, no campo político, ao enfrentamento do Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, inclusive militarmente.

Será apenas com o Beato Urbano II, no Concílio de Clermont, em 1095, que se dará início efetivo às Cruzadas; tal atitude estará alicerçada entre outras coisas, na convicção de que, os bizantinos não podiam mais garantir a segurança dos cristãos no Oriente. O Império Bizantino, desde as primeiras invasões do Islã, alternou períodos de perda territorial com outros de reconquista; no período que antecede as Cruzadas, Bizâncio havia conseguido estabelecer acordos com reinos árabes, o que pôde garantir certa tranquilidade aos peregrinos cristãos, porém muçulmanos de origem turca, os seljúcidas ou seldjúcidas, modificaram esse arranjo. Bizâncio, comandada por Romano IV, acabou sofrendo uma pesada e fatal derrota na Batalha de Malazgerd.

A derrota por este sofrida perto de Malazgerd, em 19 de agosto de 1071, foi, segundo Grousset, “um dos piores desastres da história europeia”. Dez anos mais tarde, a maior parte da Ásia Menor caía nas mãos dos turcos, e a própria Constantinopla estava sob a ameaça dos seljúcidas. Na Síria, as principais cidades fortificadas cediam, uma a uma, diante da nova potência, e as cidades santas da Palestina, que, sob o domínio árabe, haviam conhecido um regime relativamente liberal, eram ocupadas pelos turcos.⁶¹

Tendo em vista tudo o que foi descrito, as Cruzadas representaram uma resposta tardia, por parte do Ocidente, a séculos de ataques muçulmanos. Urbano II vislumbrou a emergência de uma reação armada e efetiva ao Islã diante de uma possível derrocada de Bizâncio, estimulado pelos relatos impressionantes de peregrinos que retornavam da Terra Santa, pressionado pelos planos turcos de avançar sobre a Europa e, também, almejando um possível retorno dos ortodoxos à unidade com a Igreja Católica.

Sobre as Cruzadas, é importante também mencionar que, diferentemente do Ocidente atual, no qual a religião não é protagonista na sociedade, no Medievo, o

60 MICHAUD, Joseph-François. **História das Cruzadas**. São Paulo: Editora das Américas, 1956. v.1.p.73.

61 ROUSSET, Paul. **História das Cruzadas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. p. 31.

cristianismo estava entranhado nas populações e influía em cada aspecto do cotidiano. Diante disso, foi a fé, aliada ao desejo de libertar a Terra Santa e os cristãos orientais, que impulsionou os combatentes europeus a empreenderem uma peregrinação militar ao Oriente Próximo. Outro elemento importante e incentivador das Cruzadas, foi o fator penitencial⁶².

Um elemento distintivo das Cruzadas tornou-as quase únicas. Elas eram penitenciais. A ideia de lutar pela “remissão dos pecados” provavelmente era inédita [...] mas ela se tornou uma característica das Cruzadas e foi a motivação mais atraente para os recrutas [...] Era essa crença de que as Cruzadas eram atos coletivos de penitência que as distinguiam de outras guerras sacras. Ao passo que a maior parte das guerras santas cristãs exigiam serviço a Deus pelas armas da parte de um soldado devoto que respondia a um comando divino, tudo em uma Cruzada dependia da decisão de um recruta de empreender a penitência de lutar em uma campanha em que suas obrigações, ao menos caso cumpridas, constituiriam para ele um ato de autopunição condigna.⁶³

Por muitos anos, de maneira quase unânime historiadores afirmaram que, mais do que a fé ou a motivação religiosa, outras causas incentivaram as Cruzadas, dentre as quais podemos mencionar: o movimento seria uma espécie de colonização disfarçada na Palestina pelos europeus, o real interesse era a busca de ganhos materiais e também, importante citar, a questão da primogenitura. Os argumentos em favor dessas motivações foram superados pelos estudos mais recentes.

Quando se mencionava uma suposta ação colonizadora, não se levava em consideração que os reinos latinos criados no Oriente pelos cruzados continuaram tendo cerca de 90% da população muçulmana, já que a maior parte dos cruzados, quando cumpriam o voto que fizeram, por exemplo, de libertar Jerusalém, deixavam a Palestina e voltavam para a Europa. Os reinos latinos tinham um caráter mais de posto de defesa avançado, visando darem segurança aos peregrinos cristãos e protegerem os locais sagrados da fé.

A evidência de que os combatentes estivessem desde o princípio engajados em uma empreitada colonial é fraca. Pode-se argumentar em favor das ambições territoriais de algumas figuras importantes, [...] mas além disso há poucos indícios.⁶⁴

62 Segundo a doutrina católica, quando os homens pecam, eles contraem dívidas para com Deus que, mesmo após a confissão sacramental, devem ser quitadas mediante o sofrimento neste mundo ou purgadas no outro; qualquer cristão pode reduzir esta dívida, mediante atos penitenciais: um jejum, uma peregrinação, autoflagelação, oferecendo o sofrimento de uma doença etc.

63 RILEY-SMITH, 2019. p.58-59.

64 RILEY-SMITH, 2019. p. 84.



Quanto à questão dos ganhos materiais, a realidade representou justamente o contrário. Ao fazer o voto de tomar a cruz, sabia-se de antemão que seria preciso assumir uma despesa vultosa para cumpri-lo, e para fazer frente a essas despesas muitos nobres e cavaleiros alienavam as suas terras. As Cruzadas trouxeram mais prejuízo do que algum ganho material.

Um Cavaleiro renano chamado a servir o imperador ocidental na Itália meio século mais tarde precisaria separar para tal campanha o dobro de sua renda anual. O fator pelo qual um cavaleiro francês teria que multiplicar sua renda ao fazer um orçamento para uma campanha no Oriente só pode ser estimado, mas um fator de cinco ou seis não seria irrazoável. Isso torna ridícula a imagem tradicional de cavaleiros sem propriedade partindo sem nenhuma preocupação. [...]

Algumas propriedades precisavam ser penhoradas ou vendidas. Algumas vendas eram substanciais e podiam incluir senhorios inteiros.⁶⁵

Também é muito citada a questão dos primogênitos, segundo a qual muitas famílias, para evitar a subdivisão de suas propriedades entre os vários filhos, determinavam que apenas o filho primogênito herdaria a posse das terras; os outros filhos nobres formariam uma espécie de contingente ocioso e dispendioso que, quando enviado às Cruzadas, desoneraria a família de despesas. Um primeiro ponto é que, a adesão ao ato de tomar a cruz era voluntária e, muitos primogênitos fizeram o juramento e partiram; um outro ponto é que, mesmo que o cruzado não fosse o primogênito, ao contrário do que se afirma, geraria muitas despesas à família, como já mencionado.

A alienação fiduciária era algo que envolvia todos os familiares de um cruzado, já que o que se alienava era o patrimônio, no qual eles tinham um interesse real ou potencial. Eles podiam criar dificuldades e contestar veementemente os arranjos que haviam sido feitos, mas isso era incomum. [...]

Por conseguinte, faz sentido supor que muitos dos cruzados e suas famílias foram movidos por idealismo.⁶⁶

Podemos mencionar também o fato de que a historiografia relacionada às Cruzadas foi muitas vezes parcial, o que gerou uma imagem excessivamente negativa ou deturpada em muitos pontos, por uma série de interferências de viés ideológico ou de fontes duvidosas. O movimento iluminista do século XVIII, por exemplo, via na Igreja Católica um obstáculo para difusão de seu pensamento; quando da elaboração da Enciclopédia, muito dos verbetes que se relacionavam à história cristã, especialmente

65 RILEY-SMITH, 2019. p. 86-87.

66 RILEY-SMITH, 2019. p. 88-89.



do Medievo, foram distorcidos ou adulterados, de modo a servir à ideologia que defendiam.

Suas mentiras penetraram em tal profundidade que toda a historiografia posterior e toda a mentalidade ocidental que os sucedeu foram contaminadas com o seu ódio ao que chamaram 'Idade das Trevas' e a tudo que a caracterizava, em especial a Inquisição e as Cruzadas.⁶⁷

No século XIX, Sir Walter Scott foi quem popularizou o pensamento iluminista, no que se refere às Cruzadas, através de uma série de romances, tais como *Ivanhoe* (1819) e *The Talisman* (1825) que tiveram uma enorme influência em todo mundo, apesar do pouco compromisso com a realidade histórica. O romance *The Talisman* também contribuiu para a construção de uma imagem mítica de Saladino⁶⁸ que, influenciou gerações de escritores e políticos no mundo Ocidental, sem falar no filme *The Kingdom of Heaven*⁶⁹ de 2005.

Os romances pintam os cruzados como bravos e glamorosos, mas também avarentos, vaidosos, infantis e rudes. Poucos desses homens eram movidos genuinamente pela religião ou pelo ideal das Cruzadas; a maior parte deles havia tomado a cruz por orgulho, cobiça ou ambição. Os piores entre eles eram os irmãos das ordens militares, que podiam ser corajosos e disciplinados, mas também eram arrogantes, voluptuosos, privilegiados, corruptos e inescrupulosos. [...]

Não era difícil para Scott, influenciado pela ênfase de Willian Robertson na superioridade da cultura islâmica, retratar os cruzados como retrógrados e obscurantistas que rudemente assaltavam os civilizados e sofisticados muçulmanos, mas essa representação era anacrônica, pois fundamentava-se em inserir os cruzados em um contexto – a Idade Média Central – e seus oponentes em outro – o século XIX. Sob sua falsa roupagem oriental, o Saladino de Scott era manifestamente um moderno cavaleiro liberal europeu, diante do qual os ocidentais medievais pareciam grosseiros.⁷⁰

No que se refere a São Luís, seu envolvimento com as Cruzadas está relacionado diretamente ao evento que se deu aos seus 29 anos de idade, quando o rei caiu acometido pela malária. Seu estado de saúde se tornou tão deplorável que muitas pessoas próximas ao rei, inclusive Branca de Castela, julgavam que ele estava à beira da morte; o santo apresentava vômitos intermitentes, dores pelo corpo, febre e delírios. Certo dia, deu-se o seguinte fato:

67 LANCASTER, 2019. p.152.

68 Em razão disto, seu túmulo em Damasco, que se encontrava em ruínas, se tornou uma rota do turismo europeu. Saladino, esquecido pelos muçulmanos, passará a receber maior atenção deles, quando, em 1898, o Kaiser Guilherme II, em visita ao seu túmulo, exagerará nas homenagens ao líder sarraceno, despertando a curiosidade local.

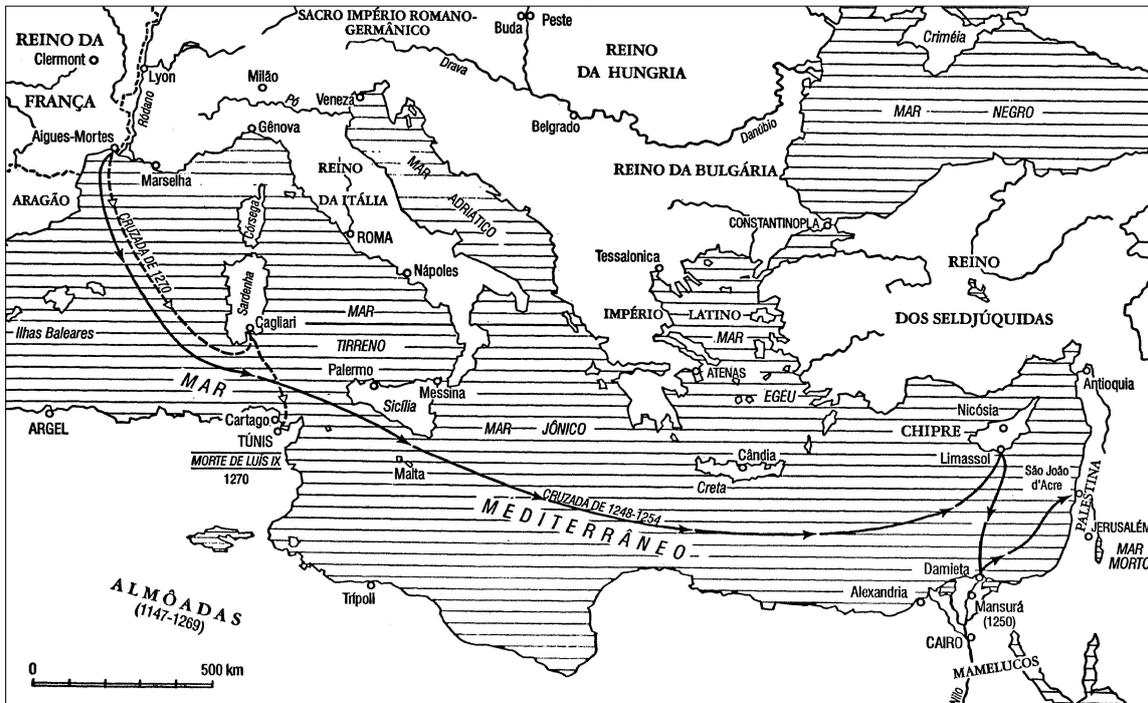
69 No Brasil, o filme, que contava com Orlando Bloom no elenco, recebeu o nome de "Cruzada".

70 RILEY-SMITH, 2019. p. 39-40.

Naquele mesmo dia, estando Luís em estado gravíssimo, uma das damas que cuidavam dele julgou que estivesse morto e puxou um lenço sobre o seu rosto. Outra dama, que estava do lado oposto da cama, exclamou: “Ele não está morto! A alma ainda está no corpo!” Elas começaram a discutir sobre se o rei estava ou não vivo e, no meio da discussão, Luís despertou e falou (antes estava mudo): “Deem-me a cruz!” E elas lhe entregaram um crucifixo.⁷¹

A frase dita por São Luís significava a promessa de que, caso se recuperasse, faria o voto de cruzado e, procuraria libertar a Terra Santa dos muçulmanos. Tão logo tomou tal resolução, o rei recuperou a saúde. Posteriormente, comandaria duas Cruzadas, a sétima (1248-1254) e a oitava (1270).

Figura 4 – As Cruzadas de São Luís



Fonte: Le Goff (2014, p. 875)

3.1 A Sétima Cruzada

Tão logo se restabeleceu, São Luís começou a enfrentar a oposição de algumas pessoas próximas em relação ao seu voto de cruzado; nisto destacou-se sua mãe Branca de Castela, que, muito aflita com a quase perda do filho para a enfermidade, desesperou-se ante a possibilidade de perdê-lo agora na Terra Santa. A rainha-mãe, aliada a Guilherme de Auvérnia, Bispo de Paris, tentou de toda forma dissuadi-lo de tal empreitada.

71 JOINVILLE, 1906 apud LANCASTER, 2019. p. 139.



Insistiram para que, apesar de ter feito o voto de cruzado (que era uma forma de juramento e, portanto, inescusável), Luís deveria solicitar do papa a dispensa de seu cumprimento, sob alegação de que havia sido feito num momento de doença grave que lhe retirara a posse de suas faculdades. Como Luís se manteve inarredável recorreram a argumentos de ordem mais pragmática e política para fazê-lo desistir.⁷²

Como a pressão de renunciar à Cruzada não cessava, São Luiz em certa ocasião, diante de uma multidão, de modo a satisfazer os que diziam que sua fraqueza o tinha impellido a tal decisão, arrancou a cruz costurada em suas vestes, o que representava a renúncia ao voto de cruzado. Seguiram-se aplausos. Em seguida, o santo disse:

Meus amigos, vocês concordam que agora estou em plena posse de meus sentidos, que eu estou, de qualquer maneira, são de mente e de corpo?⁷³

Tendo todos concordado, o rei voltou-se a um bispo ali presente e disse de modo decidido:

Me devolva a cruz. Pois Aquele que conhece todas as coisas sabe que nenhum alimento passará meus lábios até que minha cruz seja devolvida (definitivamente) a mim.⁷⁴

Diante de tal gesto, a multidão que antes tinha aplaudido o rei por renunciar ao voto da cruz, com a renovação deste, foi ao êxtase.

A Cruzada e São Luís possuíam uma ligação maior do que se pode supor; se é fato que o santo foi conduzida à mesma por uma enfermidade inesperada, por outro lado, a disposição de se fazer cruzado, é algo intrinsecamente ligado à sua família. Seu bisavó Luís VII participou da Segunda Cruzada, seu avó Felipe Augusto liderou a Terceira Cruzada e seu pai, Luís VIII, fez uma Cruzada contra os hereges albigenses; da parte de sua mãe, seu avô Afonso VIII de Castela, levou as forças cristãs à vitória na famosa Batalha de Navas de Tolosa, que levou à queda do Califado Almóada na Ibéria.

A resolução tomada por São Luís casava perfeitamente com os planos do Papa recém-eleito, Inocêncio IV, que no Concílio de Lyon (1245) havia decidido organizar uma nova Cruzada. Posteriormente, o Papa e o rei nas conversações secretas de Cluny, ao analisar o estado da Cristandade da época, concluíram que a liderança de tal movimento deveria recair sobre a monarquia francesa, uma vez que, tanto o imperador excomungado Frederico II do Sacro Império, como o Henrique III da Inglaterra, com suas ambições territoriais, não poderiam conduzir adequadamente o movimento.

72 LANCASTER, 2019. p. 140-141.

73 JOINVILLE, 1906 apud LANCASTER, 2019. p. 141.

74 JOINVILLE, 1906 apud LANCASTER, 2019. p. 141.

Figura 5 – São Luís representado como cruzado



Fonte: encurtador.com.br/eBIY0

No Oriente Médio a situação também parecia favorecer uma nova incursão cristã, já que ao Leste os mongóis pressionavam o mundo islâmico e, entre os próprios muçulmanos, o Sultanato Aiúbida do Egito, que nesta altura detinha o controle da Terra Santa, estava em conflito com as potências islâmicas da Síria.

No Oriente, entretanto, o tabuleiro político não parecia oferecer tão más perspectivas aos cristãos. O Islão estava em crise. Os mongóis, que tinham ocupado toda a Pérsia entre 1235 e 1239 e imposto a sua autoridade às regiões caucasianas – Erzerum caíra em 1242 –, ameaçavam a Ásia Menor, onde os armênios do Tauro, prudentemente, se reconheciam seus vassalos. Por outro lado, a luta fratricida entre Damasco e o Cairo continuava encarniçada; na primavera de 1245, as tropas egípcias, com os seus terríveis mercenários khwarizmianos, cercavam a capital síria.⁷⁵

Apesar de esta Cruzada ter sido pregada em muitas localidades da Cristandade, o peso do empreendimento acabou recaindo sob o Reino da França, já que a maioria dos soberanos não estava em condições de se envolver em tal empresa, por uma série de fatores políticos locais; apenas o rei inglês, apesar das desavenças com a França, enviou alguns destacamentos para se juntarem à expedição. Na França, muitos nobres e bispos aderiram à campanha, assim como três irmãos de São Luís, o Conde Roberto I de Artois, o Conde Afonso III de Poitiers e o Conde Carlos de Anjou. Como São Luís não tinha pretensão de retornar tão cedo ao reino, a Rainha Margarida da Provença se comprometeu a acompanhar o esposo.

Do ano de 1245 até 1248, seriam feitos de modo meticuloso todos os preparativos para a peregrinação militar. O rei comprou navios de Gênova e Veneza, mandou construir armazéns em Chipre para armazenar os suprimentos de seu exército e, ordenou a construção de um porto na região da Provença, em Aigues-Mortes, de onde sairia a expedição; optou-se por fazê-la por via naval, pelo Mediterrâneo.

75 DANIEL-ROPS, 1993. p. 523.



A notícia desses preparativos havia chegado até a Síria; os autores do tempo narram que as potências muçulmanas foram tomadas de terror e só se ocuparam então em fortificar suas cidades e suas fronteiras contra a próxima invasão dos francos.⁷⁶

Antes de partir, o santo, objetivando a paz em seu reino, fez uma espécie de “política penitencial da administração real”, na qual se procuraria corrigir qualquer erro que pudesse ter sido cometido em nome de seu poder real, em termos de justiça ou de tributos.

Trata-se de uma investigação para corrigir a lista de injustiças cometidas pelos agentes do rei em seu nome. Seu objetivo é fazer com que as injustiças desapareçam e dar uma satisfação aos súditos reais lesados. É na verdade uma medida penitencial seguida de reparação. Assim, o rei deixará um reino em paz, livre dos danos que poderiam levar alguns desses súditos a perturbar a tranquilidade em sua ausência, e, purificado do pecado de ter cumprido mal sua função real deixando seus agentes violarem a justiça, poderá ter esperanças de obter de Deus o sucesso em sua empresa.⁷⁷

Em 12 de junho de 1248, uma sexta-feira depois de Pentecostes, foi celebrada a Missa em Saint-Denis, na presença do rei e de todos os nobres e cavaleiros que fizeram o voto, dando assim início à Cruzada. Em seguida a tropa rumou para o Sul, em direção à Provença. Na ausência de São Luís e de sua esposa Margarida, o poder seria mais uma vez exercido por Branca de Castela, na altura com seus sessenta anos. Em 25 de agosto de 1248, a partir de Aigues-Mortes, São Luís e seus homens se lançaram ao mar em 128 embarcações, entoando, como era costume, o hino *Veni Creator*.

No dia 21 de setembro, a comitiva era recebida pelo rei Henrique I de Chipre, em Limassol; posteriormente foram os cruzados conduzidos a Nicósia, capital da ilha. Pouco depois se organizou um conselho, no qual se definiu que o local a ser atacado seria o Egito, que já havia causado reveses em guerras precedentes. São Luís permaneceu em Chipre por cerca de oito meses, de modo que tropas da Grécia Latina, da Palestina e da própria nobreza cipriota, que aderiram à sua Cruzada, pudessem se reunir ao seu exército; o rei francês não queria que erros anteriores se repetissem; desejava, portanto, atacar com toda a força disponível.

Em 13 de maio de 1249, do mesmo porto em que chegaram a Chipre os cruzados partiram, com cerca de 120 grandes navios e outros diversos menores, em direção ao Egito. Uma tempestade, alguns dias depois, dispersou muitas embarcações

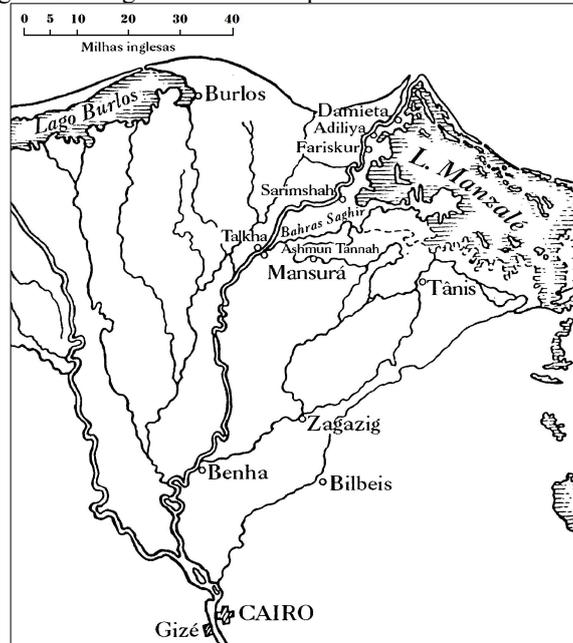
76 MICHAUD, Joseph-François. **História das Cruzadas**. São Paulo: Editora das Américas, 1956. v.4. p. 353.

77 LE GOFF, 2014. p. 164.

fazendo com que, em 30 de maio, o rei francês identificasse apenas um quarto de sua esquadra no rumo certo. Em 4 de junho de 1249, alcançaram a cidade de Damietta, localizada ao norte do Delta do Nilo, próxima ao litoral.

O sultão egípcio Ayub, que tinha tuberculose em estágio avançado, já estava informado da presença dos francos no Mediterrâneo, mas a esta altura se encontrava em Damasco procurando conquistar Homs; ele acreditava que São Luís atacaria na região da Síria, por isso permaneceu por lá. Tão logo se deu conta de que o alvo seria o Egito, abandonou o cerco a Homs e se dirigiu com suas tropas ao Cairo; o sultão não foi para Damietta por conta do seu estado de saúde, mas enviou para lá o idoso vizir Fakhr ad-Din, assim como muitos suprimentos militares.

Figura 6 – Região do Nilo na época da Cruzada de São Luís



Fonte: Runciman (2003, p.141) adaptação nossa.

Avistando Damietta, os cruzados não desembarcaram de imediato; os navios que levavam as principais lideranças se aproximaram do de São Luís, de modo a se reunirem e decidirem como se daria o ataque. Os senhores franceses temiam que seu rei expusesse a vida em combate, mas, contrariando-os, o santo disse:

Segui meu exemplo, deixai-me enfrentar os perigos e no ardor dos combates, evitai de pensar que a salvação da igreja e do estado está em minha pessoa. Vós sois, vós mesmos o Estado e a Igreja e deveis ver em mim um simples homem, um homem cuja vida pode se dissipar, como uma sombra, quando for da vontade do Deus, pelo qual nós combatemos.⁷⁸



Os conselheiros do rei francês imploraram para que todos aguardassem a chegada das embarcações dispersas, mas, cansado de tantos adiamentos, ele decidiu atacar. A ofensiva foi iniciada em 5 de junho de 1249; à margem do Nilo, a infantaria e a cavalaria muçulmanas esperam o desembarque dos cristãos. Assim que deixaram os navios, os cruzados se alinharam em duas fileiras. O santo francês, ávido pelo combate, se atirou ao mar com seu equipamento.

Deu-se, assim, um dos episódios mais marcantes da vida de São Luís: ao ver que a auriflama já estava fincada em terra, impetuosamente Luís saltou ao mar e correu até a praia com a água até as axilas, com o escudo amarrado no pescoço, capacete na cabeça e lança na mão e atirou-se sobre os muçulmanos junto de seus homens.⁷⁹

Seguiu-se uma cruenta batalha, porém as disciplinadas e destemidas tropas francesas, estimuladas por seu rei, fizeram a vitória pender para o lado cristão. Fakh ad-Din, que comandava os contingentes islâmicos, diante de pesadas perdas ordenou que recuassem. O vizir aguardou o cair da noite e, com seus homens, retornou para a fortaleza em Damietta. Tendo plena consciência de que não poderia subjugar as forças cristãs e, se deparando com a população civil muçulmana em pânico dentro das muralhas, evacuou a cidadela deixando apenas os cristãos que lá habitavam, muitos deles escravos; seriam eles que avisariam pela manhã, que a cidade tinha sido abandonada.

A entrada dos cruzados em Damietta lhes causou excitação e, sobretudo, estupefação, já que levaram menos de dois dias para tomá-la, enquanto na Quinta Cruzada (1217–1221) tinham sido necessários dezoito meses para alcançar o mesmo objetivo. Foi justamente inspirado por esta Cruzada antecedente que São Luís decidiu não avançar em razão da cheia do Nilo que se aproximava⁸⁰; ele também queria aguardar os reforços que seu irmão Afonso traria da França, já que este não havia embarcado em Aigues-Mortes junto com o rei.

Embora a fulminante tomada de Damietta tenha causado pânico e desorganização entre os sarracenos, tal vantagem não pôde ser aproveitada pelos cristãos, uma vez que, no aguardo do Príncipe Afonso e da baixa do Nilo, foram perdidos cerca de cinco meses. Esse tempo de inanição dos francos foi bem aproveitado pelo Sultão, que se dirigiu pessoalmente a Mansurá, guarnecendo-a e fortalecendo-a

79 LANCASTER, 2019. p. 175.

80 Na Quinta Cruzada, os cristãos avançaram na cheia do Nilo em direção ao Cairo; os maometanos, valendo-se da cheia e de uma série de diques, conseguiram paralisar os cruzados e levá-los à rendição.



com toda a tranquilidade. No fim de outubro as águas do Nilo cederam e Afonso chegou com os reforços. Depois de cogitarem de atacar Alexandria, os cristãos acabaram optando por marchar em direção ao Cairo. Em 20 de novembro os cruzados com 60 mil combatentes deixaram Damietta (que ficou guarnecida e sob a direção da Rainha Margarida de Provença), em direção à capital do sultanato.

O Nilo estava prestes a inundar e somente em 20 de novembro, quando o rio estava diminuindo e o clima estava mais fresco, que a marcha para o interior começou, um avanço que coincidiu com a morte do sultão e o pânico entre os egípcios. Os cruzados levaram um mês para chegar à margem do Nilo oposta às principais defesas egípcias em El Mansura.⁸¹

Todo o percurso até Mansurá será acompanhado por diversas investidas dos sarracenos, todas elas repelidas sem maiores dificuldades. Tendo atingido uma margem do Nilo e tendo na outra, parte das defesas de Mansurá, os cruzados teriam enorme dificuldade em construir uma ponte que lhes permitisse atravessar o rio, já que eram alvejadas por flechas e fogo grego, situação que lhes consumiu quase dois meses. Em 7 de fevereiro de 1250, um coopta de Salamun, pediu 500 besantes para revelar aos cristãos uma passagem que lhes permitiria fazer a travessia. De posse dessa informação, em 8 de fevereiro ao alvorecer, eles começariam a cruzar o rio.

Os primeiros a atravessar foram o irmão do rei, Roberto de Artois com seus homens, cavaleiros ingleses e cerca de 300 templários. Desobedecendo ordens de São Luís de aguardar a travessia de todos e, não querendo perder o elemento surpresa⁸², Roberto ordenou um ataque ao acampamento islâmico, mesmo sendo instigado a não fazê-lo; sua investida resultaria na morte de muitos maometanos, incluindo Fakhr ad-Din⁸³, tendo o restante deles se refugiado nas muralhas de Mansurá. Mesmo novamente aconselhado a não prosseguir, Roberto seguiu com seu ataque até a fortaleza. Os maometanos, em alerta, posicionaram seus homens em pontos estratégicos da cidadela e deixaram os portões abertos de modo proposital, fechando-os abruptamente após a entrada dos cristãos. Depois de uma dura e desgastante luta, Roberto e cerca de mil e quinhentos cavaleiros pereceram, tendo alguns poucos conseguido escapar e avisar o restante do exército no acampamento.

81 RILEY-SMITH, 2019. p. 318.

82 Podemos dar certa razão ao Conde Roberto já que, eles poderiam ser descobertos por um batedor, por exemplo.

83 Que acabara de sair do banho e no momento, tinha sua barba tingida com henna por um valete.



A atitude de Roberto, ousada e corajosa, porém imprudente, terá como consequência a perda quase total de um contingente militar de elite⁸⁴ e, representará o primeiro de muitos reveses, em uma campanha até aquele momento coroada de êxito.

Se Roberto de Artois não tivesse empreendido o seu impetuoso assalto a Mansurá, talvez se sentissem fortes o suficiente para arriscar um ataque à cidade mais tarde, mesmo contra máquinas de guerra mais poderosas que as suas. Naquela situação, porém, nada podia ser feito.⁸⁵

No mesmo dia em que São Luís perdeu seu irmão, suas tropas teriam que suportar a primeira de muitas investidas dos adversários que se sucederiam por semanas, sendo todas elas repelidas com coragem, energicamente e com o sacrifício de muitas vidas. A chegada posterior de reforços muçulmanos do sul, bem como de Turanshah, filho e sucessor do falecido sultão Ayub, só tornou a situação dos cruzados, estacionados às portas de Mansurá, cada vez pior.

Para cortar a linha de suprimentos que abastecia os cruzados a partir de Damietta, Turanshah ordenou a construção de embarcações leves que foram transportadas em camelos às partes mais baixas do Nilo.

Para cortar os francos de sua base, o sultão Turan-shah mandara construir uma flotilha de naus de guerra que foi transportada em pedaços pelo deserto no lombo de camelos e depois colocada na água e levada até o curso inferior do Nilo, de modo a interceptar os comboios de abastecimento. A 16 de março de 1250, travou-se um combate depois do qual o envio de naus se tornou impossível.⁸⁶

Privados de suprimentos, acometidos por diversas doenças⁸⁷ que rebentaram em seu acampamento e contribuíam para aumentar o número de baixas, os cristãos se viram forçados a recuar de volta a Damietta⁸⁸. Desfeito o acampamento a 5 de abril de 1250 a retirada cristã foi marcada por assaltos frequentes dos muçulmanos que vinham em seu encalço, sendo tais investidas repelidas com muita dificuldade e com atos de abnegação por parte dos cristãos.

A retaguarda, animada pela presença do rei, fazia esforços incriveis e inúteis para repelir a multidão dos muçulmanos, que aumentava de momento a momento. O desespero dos guerreiros franceses gerou mil ações gloriosas; mas tanto heroísmo só lhes podia obter a palma do martírio. Guy de Chatel,

84 Uma vez que normalmente, na vanguarda do exército iam os melhores cavaleiros.

85 RUNCIMAN, Steven. **História das Cruzadas III: O Reino do Acre e as Últimas Cruzadas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003. p. 238.

86 PERNOUD, Régine. **A Mulher no Tempo das Cruzadas**. Campinas: Papyrus Editora, 1993. p. 225.

87 Além da fome devida à quebra da linha de suprimentos, os cruzados, incluindo São Luís, passaram a sofrer de disenteria e escorbuto, doenças estas acompanhadas quase sempre de febre.

88 Antes de tomar tal decisão, São Luís tentou negociar a troca de Damietta por Jerusalém, mas já era tarde, pois o sultão já tinha consciência da precariedade do exército cristão e recusou a proposta.



Bispo de Soissons, não esperando mais alcançar Damietta, e rever a França, resolveu procurar a morte e precipitou-se, seguido por alguns cavaleiros, contra as fileiras muçulmanas, que, segundo a expressão de Joinville, — *mataram-no e o mandaram para junto de Deus.*⁸⁹

O exército cruzado em fuga foi alcançado em Fariskur, onde se travou uma batalha que consumiu a vida de milhares de cristãos. São Luís, alguns nobres e cavaleiros conseguiram fugir para a vila de Moniat Abdallah, mas foram encontrados pelo inimigo. Embora tenha sido feita uma tentativa de negociação com os maometanos, uma vez que 500 cavaleiros ainda em armas e a figura de São Luís lhes inspirasse ainda certo temor, a mesma resultou em fracasso em razão da interferência de um traidor — o sargento Marcel⁹⁰ — e como consequência, os cristãos foram feitos prisioneiros e levados a Mansurá.

A mais cuidadosamente preparada e mais bem organizada Cruzada de todas fora destruída e seu líder era prisioneiro do inimigo.⁹¹

Como o número de prisioneiros era embaraçosamente grande, os que estavam mais debilitados e atrasariam a marcha foram executados de imediato; ainda procurando diminuir o número total de prisioneiros, durante uma semana, foi ordenado pelo Sultão que trezentos fossem executados por noite.

Em seu cativeiro São Luís, enfraquecido pela disenteria e pelas privações, com uma magreza extrema e com febre constante, voltará toda a sua atenção à espiritualidade e a oração. Em todo o tempo que ficou preso, não abandonou suas práticas habituais de oração, a exemplo do Ofício Divino que recitava desde pequeno, ensinado por sua mãe. O monarca rezada de modo tão piedoso e era tão amável e respeitoso para com todos que, com o tempo, até mesmo os carcereiros ficaram tocados, assim como o sultão Turanshah, que até enviou seus médicos para que tratassem do rei. O sultão passou a ter colóquios frequentes com o santo, por meio de um intérprete. Nesses colóquios o rei francês externou que acima dos combates, o que mais ele desejada com sua Cruzada era a conversão dos muçulmanos. São Luís impressionou

89 MICHAUD, Joseph-François. **História das Cruzadas**. São Paulo: Editora das Américas, 1956. v.5. p. 59-60.

90 Filipe de Montfort, autorizado por São Luís, estava quase concluindo um acordo para que os cruzados pudessem partir em liberdade a Damietta, que seria restituída aos sarracenos, quando Marcel, que teria sido subornado pelos egípcios, começou a gritar que a tropa deveria se render, sem que ninguém, sobretudo o rei, tivesse dado tal ordem. Como os cristãos depuseram armas pensando que o rei corria algum risco, o emir que fazia a negociação recuou, pois não precisaria ceder mais nada para obter o que precisava dos cristãos.

91 RILEY-SMITH, 2019. p. 319.



muito o sultão e esteve próximo de convertê-lo; eles também iniciaram tratativas que resultaram em um acordo.

Logo após este colóquio, foi juramentado um tratado entre Luís e o sultão sobre o futuro do rei, de Damietta, das posses cristãs na Terra Santa e dos prisioneiros cristãos, além de firmada uma trégua de 20 anos com o Egito.⁹²

Infelizmente tal arranjo se dissipou completamente, pois Turanshah foi assassinado em 2 de maio de 1250, por soldados mamelucos revoltosos que acabaram tomando o poder do sultanato.

Alguns mamelucos compareceram à presença do Rei Luís, ainda com sangue em suas lâminas, exigindo-lhe dinheiro por terem eliminado seu inimigo. Outros, manifestando um lúgubre senso de humor, brandiam as espadas diante dos rostos dos nobres cativos.⁹³

Quando os sarracenos perceberam que São Luís não se abalava frente as ameaças deles, voltaram a tratar da devolução de Damietta e a negociar um resgate. Eles não desejavam verdadeiramente matar o santo; se fizessem isso, perderiam seu “objeto” de barganha com a rainha Margarida. Aos mamelucos São Luís também impressionou muito por sua dignidade, por seu valor e por sua integridade moral; divididos e brigados entre si mesmos, várias vezes recorreram ao prisioneiro como árbitro das suas contentas. Impressionados com a sabedoria e o senso de justiça do rei da França, chegaram alguns a pensar em escolhê-lo como sultão do Egito.

Os mamelucos decidiram manter as condições acertadas entre São Luís e o sultão assassinado, o que incluía o pagamento de um grande resgate em dinheiro. O valor foi fixado em 400 mil libras e, quando foi paga a metade desse valor, o rei francês, depois de quase um mês de um penoso cativo, foi libertado. Em 6 de maio de 1250, a cidade de Damietta foi devolvida aos muçulmanos. O irmão do rei, Afonso de Poitiers, ficou como refém até que a segunda parcela do resgate fosse paga. Após o pagamento, tendo Afonso sido libertado, o monarca francês decidiu partir para Acre, a principal cidade dos Estados Cruzados no Levante.

O desastre de 1250 foi interpretado por ele como um castigo pelos seus pecados. Suas devoções se tornaram mais intensas e penitenciais. Vestia-se e comia de forma simples. Dedicou-se aos pobres. Desejou a morte. Buscou fazer da boa cavalaria um tipo de expiação pelas suas ofensas, as quais, ele acreditava, haviam trazido vergonha e perigo à cristandade.⁹⁴

92 LANCASTER, 2019. p. 185.

93 RUNCIMAN, 2003. p. 243.

94 RILEY-SMITH, 2019. p. 320.



São Luís permaneceu na Palestina por mais quatro anos, exercendo o governo efetivo do Reino Latino, já que seu soberano por direito era Conrado IV da Alemanha que, estando na Europa como era de se esperar, não tinha nenhuma pretensão de se dirigir para tal localidade. Em seu mandato, o rei francês procurou fortalecer os assentamentos latinos contra qualquer ofensiva que pudesse vir dos muçulmanos em um futuro próximo; com a ação do santo, as cidades de Acre, Cesareia, Jafa e Sidon foram fortificadas de modo admirável.

Em 27 de novembro de 1252, aos sessenta e quatro anos, falecia Branca de Castela. Quando a notícia da morte de sua mãe chegou a São Luís, ele se encontrava em Jafa, acompanhando a reconstrução das muralhas da cidade, destruídas pelos maometanos em 1249. O rei, muito abalado, concluiu que era chegada a hora de retornar ao seu reino, porém antes de partir quis finalizar todas as obras de fortificação que tinha iniciado ou que ainda se faziam necessárias. Finalmente, em 25 de abril de 1254, acompanhado de sua esposa e dos filhos nascidos durante a campanha, deixou o Oriente Próximo com destino à França.

[...] quando Luís e Margarida embarcaram de novo em Tiro [...] com seus três filhos nascidos além-mar (João-Tristão, Pedro e Branca), deixam atrás de si uma terra em paz, onde se pode voltar a ter esperanças de um dia reconquistar Jerusalém.⁹⁵

Quando a Sétima Cruzada chegou ao fim, o preço que São Luís teve que pagar por conta dela foi muito alto: ele nunca mais viu sua mãe em vida, perdeu o seu irmão Roberto de Artois, sofreu fisicamente de modo severo⁹⁶, teve que arcar com cerca de 1,5 milhão de libras⁹⁷ com a campanha e não foi bem-sucedido em infligir uma derrota definitiva ao sultanato egípcio.

3.2 A Oitava Cruzada

Depois da partida de São Luís, o Reino Latino no Levante mergulhou na mais completa anarquia por culpa de antagonismos e ambições. A cidade de Acre, capital do reino, se viu envolvida em uma guerra civil que duraria cerca de dois anos (1256-1258), na qual se opuseram as colônias genovesa e veneziana. Enquanto estavam ocupados

95 PERNOUD, 1993. p. 232.

96 O que lhe causou sequelas e debilitou sua saúde, pelo resto de sua vida.

97 Sua renda anual era de cerca de 250 mil libras.



com suas disputas pessoais, os cristãos assistiram ao avanço mongol que conquistou a Síria e passou a ameaçá-los. Reunidos em conselho na cidade do Acre, os cristãos decidiram apoiar os mamelucos⁹⁸ contra os mongóis. Em razão disso, os mongóis foram derrotados e expulsos da Síria, que voltou ao poder dos egípcios.

Passada a ameaça mongol, o sultão mameluco Báibars voltou a sua força contra os cristãos que o haviam apoiado. Cidade após cidade cristã cairia em seu poder: Cesareia e Arsuf em 1265, Safad e Jafa em 1266, Beaufort e Antioquia em 1268; só Acre permaneceu.

Diante de tal situação, a ideia de uma nova Cruzada começava a novamente despontar, mas assim como se deu na anterior, a maioria dos soberanos europeus não estavam dispostos a se envolver em uma empreitada tão dispendiosa; já fazia algum tempo que os ideais cruzados não contagiavam mais muitos homens no Ocidente. Assim como na Sétima Cruzada, São Luís será quem se oferecerá para assumir tal empresa. Seu desejo sempre foi voltar à Terra Santa e retomar Jerusalém.

A derrota de São Luís na Sétima Cruzada, por mais que fosse santamente aceita como vontade de Deus, sempre o machucou. Seu fracasso e a perda de Jerusalém e dos locais que outrora eram cristãos sempre foram “um espinho na carne” (2 Co 12, 7) do santo rei. Seu sonho de retomar Jerusalém nunca o abandonou e, durante os anos que se seguiram ao seu retorno em 1254, sempre se percebia nele a vontade de retornar o mais cedo possível ao Oriente, com a cruz costurada no manto para lutar e talvez morrer pelo Senhor.⁹⁹

Tendo obtido do Papa Clemente IV, não sem certa resistência, a autorização para uma nova Cruzada, São Luís, mais uma vez de modo organizado e minucioso, iniciaria os preparativos para a nova campanha; o rei francês, entre outras coisas, economizaria dinheiro e diminuiria gastos com a corte. Novamente, esta será uma empreitada eminentemente francesa. À empresa aderiram uma grande multidão de barões e cavaleiros, bem como os três filhos do rei, Filipe, João Tristão e Pedro. Também fizeram voto o seu irmão Afonso de Poitiers, seu genro Teobaldo II, e seu sobrinho Roberto II de Artois. Dessa vez a esposa, Rainha Margarida, não o acompanharia.

No dia 1 de julho de 1270, mais uma vez em Aigues-Mortes, São Luís partia para uma Cruzada; com cinquenta e seis anos, também apresentava uma saúde bastante

98 Os mesmos da Sétima Cruzada.

99 LANCASTER, 2019. p. 434.



debilitada, tendo que ser carregado em algumas situações, mas não obstante tal condição, prosseguiu; queria fazer um último sacrifício pelo Senhor. A primeira parada dos navios seria em Cagliari, na Sardenha, onde barões aguardavam para se juntar ao santo.

Ainda na costa da Sardenha, foi decidido que, antes de irem para a Terra Santa ou para o Egito, seguiriam para Túnis, antiga Cartago. Uma dos pontos que pesaram na escolha de Túnis foi a esperança que São Luís nutria de converter o sultão Muhammad al-Munstansir, de quem recebera enviados. O sultão, segundo boatos¹⁰⁰, aguardava uma oportunidade para abraçar a fé cristã.

Jean Richard sugeriu que considerássemos novamente a explicação dada pelo confessor do rei, Godofredo de Beaulieu. Godofredo afirma que Luís era atraído pela chance de converter o governante de Túnis, que fez saber que se submeteria ao batismo caso tivesse o apoio de um exército cristão. Houve, de fato, uma embaixada tunisiana em Paris no outono de 1269.¹⁰¹

Deixando Cagliari, a frota cristã chegou à costa africana em 17 de julho de 1270. Não foi preciso muito tempo para perceberem os cruzados que a possibilidade de conversão do sultão não passava de um engodo, uma vez que seus homens se encontravam armados na praia, aguardando os cruzados desembarcarem para atacá-los. Esse revés não abalou São Luís, tendo em vista que, se Túnis fosse conquistada, seria um importante entreposto para efetuar ataques a outras posições muçulmanas.

Os sarracenos no litoral foram facilmente derrotados pelos cristãos. Logo em seguida, se iniciou outra batalha que durou mais de um dia, ao fim da qual os franceses se apoderaram do Castelo de Cartago. Nessa fortificação, eles sofreriam inúmeras investidas, sendo todas elas repelidas, porém, a falta de repouso devido ao estado de alerta constante, o forte calor e a disseminação de doenças, começou a minar a resistência dos cristãos. Cairiam doentes Filipe, o filho mais velho do rei, seu irmão João Tristão, que nasceu em Damietta na Cruzada anterior, e o próprio São Luís, que já estava com a saúde comprometida desde a partida.

Dessa vez, ciente de que sua hora se aproximava, São Luís adiantaria todos os seus assuntos temporais e, uma vez finalizados, se ocuparia unicamente de preparar sua alma para apresentá-la diante do Senhor. O santo ditaria também, uma carta a seu filho

100 Tais rumores ao que parece foram espalhados por Báibars, que desejava os cruzados longe da Síria. Com tais boatos, o sultão poderia desviar a atenção dos cristãos para Túnis.

101 RILEY-SMITH, 2019. p. 339.

Filipe, que viria a sucedê-lo como rei, lhes dando conselhos de como agir com retidão, particularmente como governante. Seguem alguns trechos da carta:

Meu caríssimo filho, a primeira coisa que lhe ensino é que deve amar o Senhor seu Deus com todo o coração e com toda a sua força, pois, sem isso, não há salvação. [...] Seja justo com seus súditos, mantenha a linha da justiça, sem virar nem para a direita nem para a esquerda, mas para o Direito. Sempre dê benefício da dúvida ao pobre sobre o rico, até que esteja certa a verdade. [...] O mais que puder, afaste-se de guerras e contendas e lute pela paz, mesmo entre seus súditos, como fez São Martinho, que julgou que havia alcançado o pináculo da virtude ao ter restaurado a paz entre combatentes [...]

Vigie para que as despesas de sua casa sejam razoáveis e medidas.¹⁰²

Na noite de 25 de agosto de 1270, São Luís com 56 anos, sendo 44 anos deles dedicados ao governo da França, deitado sobre cinzas como forma de penitência, faleceu após ter dito, a exemplo de Jesus, as seguintes palavras em latim: “*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito.*”¹⁰³

A morte do rei sempre foi atribuída à disenteria ou ao tifo, mas estudos mais recentes indicam que o santo provavelmente morreu de escorbuto, proveniente da insuficiência de vitaminas, já que os cruzados não costumavam ingerir alimentos da localidade em que combatiam, de modo a evitar possíveis envenenamentos.

Nem disenteria, nem tifo...nem peste! Luís IX, rei da França, mais conhecido sob o nome de São Luís desde sua canonização em 1297, teria morrido de escorbuto na frente de Túnis, em 25 de agosto de 1270 [...] E é, portanto, um estudo macroscópico da mandíbula de São Luís – completamente sem dentes –, preservada na catedral de Notre Dame em Paris, que permitiria a detecção dessa patologia infecciosa e, nesse caso, fatal.¹⁰⁴

Figura 7 – A morte de São Luís



Fonte: encurtador.com.br/kzCN9

102 LANCASTER, 2019. p. 529-531.

103 LANCASTER, 2019. p. 450.

104 ARNAUD, Bernadette. *Le scorbut, et non la peste, responsable de la mort de Saint-Louis*. **Sciences et Avenir**, 2019. Disponível em: https://www.sciencesetavenir.fr/archeo-paleo/archeologie/la-mort-de-saint-louis-une-affaire-de-scorbut_134602. Acesso em: 21/07/2020. n. p. tradução nossa.



Pouco tempo depois da morte de São Luís, seu irmão Carlos de Anjou chegaria com reforços e assumiria o comando da Cruzada; ele se limitou a assinar um tratado de paz com o sultão de Túnis, abandonando a África logo em seguida.

A Oitava Cruzada seria a última na contagem oficial; seu fim abrupto e trágico levaria a um declínio cada vez mais acentuado da presença cristã no Oriente e, apesar dos esforços do futuro Eduardo I da Inglaterra, São João d’Acre, a última cidade cristã no Oriente, foi tomada de assalto por muçulmanos, em 28 de maio de 1291. Daquele dia em diante, a Terra Santa nunca mais conheceria um governo cristão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante quase dois séculos, as Cruzadas faziam parte do cotidiano da Europa Medieval e, enquanto campos eram cultivados, enormes catedrais se erguiam, grandes universidades – Bolonha, Oxford, Paris, Salamanca, Nápoles, Coimbra – surgiam, os ideais de humildade e caridade de São Francisco se espalhavam pelo continente, São Tomás escrevia sua admirável Suma Teológica, levas e levas de combatentes tendo uma cruz cosida em suas vestes dirigiam-se ao Oriente. Se é bem verdade que muitos dos que foram para as Cruzadas não tinham reta intenção ou as disposições esperadas, uma vez que grandes mobilizações militares sempre atraem todo tipo de gente, também é fato que essas peregrinações militares nos permitiriam conhecer personagens admiráveis, que nos brindariam com um espetáculo de coragem, determinação e honra, a exemplo de Godofredo de Bulhões, Jacques de Mailly, Balduíno VI, o polêmico Ricardo Coração de Leão e, não podíamos deixar de mencionar, São Luís de França.

Quando São Luís fez o seu voto, o espírito das Cruzadas já apresentava um acentuado declínio, bastando, para confirmar isto, observar como suas expedições à Terra Santa pouco interesse despertaram em outros monarcas do continente, mais preocupados com seus negócios temporais; já se tinha ido há muito o tempo em que homens provenientes da Alemanha, da Hungria, da Itália, da França, da Inglaterra, da Irlanda e até mesmo da Dinamarca tomavam a cruz e rumavam à Palestina.

O fim das expedições ocidentais à Terra Santa não significou o arrefecimento dos ataques muçulmanos; investidas contra os cristãos remanescentes no Oriente e até em territórios europeus ocorreriam de tempos em tempos, fenômeno que alcança até mesmo os tempos atuais. Na Espanha, na qual desde o ano 731, os cristãos lutavam



contra a invasão islâmica, a completa retomada de seu território só ocorreria no ano de 1492 após muita luta contra os maometanos; a península da Anatólia que por séculos foi domínio de cristãos, após cerca de dois séculos de ataques, passaria completamente às mãos otomanas, no ano de 1520; o Império Otomano, se expandindo de modo desenfreado e ameaçando os povos cristãos do Mediterrâneo, teve que ser contido na Batalha de Lepanto, em 1571; com a ascensão das grandes navegações, alguns muçulmanos se especializariam na pirataria e a tripulação de embarcações cristãs atacadas quase sempre era reduzida à escravidão, tal como se deu com São Vicente de Paula no ano de 1605, quando foi feito escravo por piratas turcos; já mais recentemente, no século XX, o mundo assistiria o Império Otomano cometer o “Genocídio Armênio” que vitimou quase 2 milhões de armênios, sendo a maioria deles cristãos; neste mesmo século, especialmente a partir dos anos 70, surgiria o terrorismo islâmico, que teria no ataque aos cristãos uma de suas motivações, como pode ser constatado nas ações de grupos como o Boko Haram e o Estado Islâmico, para citar exemplos mais atuais.

Em face do exposto, podemos constatar que, as situações que produziram um antagonismo entre os cristãos e muçulmanos, estão longe de ser resolvidas. O avanço militar islâmico que causou diretamente e com certo atraso as Cruzadas, não conheceu um retraimento em todos esses séculos; embora no presente momento, tenhamos uma provável situação de tréguas renováveis da parte dos maometanos, o grande ideal de submeter o mundo ao Islã ainda se mantém muito vivo, porém oculto.



REFERÊNCIAS

ARNAUD, Bernadette. *Le scorbut, et non la peste, responsable de la mort de Saint-Louis*. *Sciences et Avenir*, 2019. Disponível em: https://www.sciencesetavenir.fr/archeo-paleo/archeologie/la-mort-de-saint-louis-une-affaire-de-scorbut_134602. Acesso em: 21/07/2020.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). Tradução dos Missionários do Imaculado Coração de Maria. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2017.

COSTA, Ricardo da; Santos, A. A. dos. O pensamento de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) sobre a vida militar, a guerra justa e as ordens militares de cavalaria. *Mirabilia*, Vitória, v. 10, p. 145-157, 2010. Online. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/mirabilia/mirabilia_a2010m1-6n10/mirabilia_a2010m16n10p145.pdf. Acesso em: 10/04/2020.

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja das Catedrais e das Cruzadas**. São Paulo: Quadrante, 1993.

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja dos Tempos Bárbaros**. São Paulo: Quadrante, 1991.

GIORDANI, Mario Curtis. **História do Mundo Feudal I**: acontecimentos políticos. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

LANCASTER, Lucas. **São Luís**: O Rei da Coroa de Espinhos. Belo Horizonte: Instituto São Pedro de Alcântara, 2019.

LE GOFF, Jacques. **São Luís**: Biografia. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MATTEI, Roberto de. **Guerra Justa e Guerra Santa**: Ensaio sobre as Cruzadas, a *Jihad* islâmica e a tolerância moderna. Porto: Civilização Editora, 2002.

MICHAUD, Joseph-François. **História das Cruzadas**. São Paulo: Editora das Américas, 1956. 7 v.

PERNOUD, Régine. **A Mulher no Tempo das Cruzadas**. Campinas: Papyrus Editora, 1993.

RILEY-SMITH, Jonathan. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019.



ROUSSET, Paul. **História das Cruzadas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

RUNCIMAN, Steven. **História das Cruzadas III: O Reino do Acre e as Últimas Cruzadas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.

SAENZ, Alfredo. *La Nave y las Tempestades: la embestida del Islam*. 1ª ed. 1ª reimpressão. Buenos Aires: Gladius, 2011.

WOODS JR., Thomas E. **Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.